



**sesc** 75 ANOS

mensal | junho de 2021 | nº 12 | ano 27 | [f](https://www.facebook.com/sescsp) [i](https://www.instagram.com/sescsp) [t](https://www.tumblr.com/sescsp) [y](https://www.youtube.com/sescsp) [revistae@sescsp.org.br](mailto:revistae@sescsp.org.br) | Distribuição gratuita | Venda proibida

ECONOMIA VERDE | FOME PEDE AÇÃO | GRUPO GALPÃO | ISMAEL IVO | HISTÓRIAS DE REFÚGIO E EMIGRAÇÃO | CARLOS NOBRE | REVISTAS LITERÁRIAS | MÁRCIA DENSER | ZÉLIA DUNCAN | FÁBIO LUIZ VASCONCELOS

ISSN 2179907-5  
0315  
9 772179 907008

# **Ação urgente contra a fome. Faça sua doação.**

A fome é uma realidade que atinge milhões de brasileiros.

**Agora, você pode doar qualquer tipo de alimento não perecível diretamente nas Unidades do Sesc no Estado de São Paulo**

**Ajude a mudar essa situação!**

**Acesse**

**[www.sescsp.org.br/doemesabrazil](http://www.sescsp.org.br/doemesabrazil)**



Sesc 75 ANOS





Ricardo Ferreira / Sesc-SP

### IMAGEM DA CAPA

Criado há mais de 26 anos pelo Sesc, o programa Mesa Brasil funciona como uma rede de combate à fome, ao desperdício e à má distribuição de alimentos. Ampliando as opções de doações existentes no programa para agir contra o veloz avanço da fome no país, iniciou a campanha **Ação Urgente Contra a Fome** envolvendo toda a sociedade em uma ampla mobilização solidária. Agora, as unidades do Sesc no estado de São Paulo são pontos de coleta para doações de alimentos não perecíveis. Os mantimentos arrecadados são entregues às instituições sociais cadastradas, que repassam os itens às famílias assistidas, ajudando os que vivem em situação de vulnerabilidade social. Saiba mais em: [www.secsp.org.br/doemesabrasil](http://www.secsp.org.br/doemesabrasil)

## Juntos contra a fome

A promoção do bem-estar social, cerne das ações do Sesc – Serviço Social do Comércio desde sua criação, em 1946, está imbricada em observar e compreender o próprio tempo e território e em agir a partir das demandas de cada momento e condição. Trata-se, assim, de um projeto em constante transformação, visto que a própria sociedade também se modifica. No entanto, sem abrir mão do que é norteador: criar condições para que se garantam a dignidade da vida, o aprimoramento pessoal e a valorização das relações interpessoais dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo – de seus familiares, bem como de toda a comunidade.

Neste desafiador ano de 2021 a fome infelizmente voltou a ser uma realidade de inúmeras famílias, em razão do agravamento da pandemia no país. Uma triste situação que exige de todos o compromisso e o engajamento para uma ação conjunta e articulada, fazendo chegar efetivamente o alimento doado para aqueles que dele necessitam. Por esta razão, o Sesc ampliou o programa Mesa Brasil, para que cada unidade no estado seja um ponto de entrega de mantimentos não perecíveis doados pela população em geral e, por meio de sua logística de 26 anos de atuação, tem feito essa distribuição com qualidade, rapidez e eficiência. Uma ação solidária urgente e necessária, em prol do bem comum e focada no que é essencial.

**ABRAM SZAJMAN**

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

App Store Google Play

Download gratuito para Android e iOS



## Solidariedade e o bem comum

A capacidade de olhar para a realidade, refletir e agir é intrínseca da condição humana. Seres gregários que somos, buscamos coletivamente soluções para os desafios, a fim de que a vida em sociedade seja embasada em valores como a empatia, a alteridade e a solidariedade. Assim, diante das dificuldades atuais, das quais a fome é uma realidade presente e preocupante, crescem iniciativas para uma ação emergencial. Neste sentido, o Sesc mantém e amplia seu programa Mesa Brasil com a campanha Ação Urgente Contra a Fome, convidando toda a sociedade para participar com doações. Reportagem da **Revista E** mostra como cada um pode ajudar.

A pandemia traz consigo também a urgência para debater, planejar e construir uma economia da qual a questão ambiental é vista como estratégica, no sentido de garantir o bem comum. Reportagem desta edição aborda essa economia ambientalmente responsável. A relação do ser humano com seu ambiente, aliás, é tema de pesquisas do cientista Carlos Nobre, que alerta, em *Entrevista*, sobre as consequências do aquecimento global. Ainda: *Encontro* com a cantora e compositora Zélia Duncan; *Depoimento* de imigrantes que chegaram ao país na condição de refugiados; os 40 anos do Grupo Galpão em imagens na matéria *Gráfica e*, no *Inéditos*, conto da escritora Márcia Denser. Boa leitura!

**DANILO SANTOS DE MIRANDA**

Diretor do Sesc São Paulo

## SUMÁRIO



Leticia Kehrhardt / Silverback

Em ENTREVISTA, o cientista e premiado pesquisador CARLOS NOBRE alerta para as consequências do aquecimento global e compartilha soluções

**10**



Phatboy

Movimento de conscientização dos impactos ambientais e da finitude dos recursos naturais apontam para uma ECONOMIA VERDE

**18**



Regina Broede

No PERFIL, as marcas da ancestralidade e a postura de vanguarda no legado de ISMAEL IVO, um dos mais importantes nomes da dança brasileira contemporânea

**28**



A noiva não quer casar | Arquivo Galpão

Na GRÁFICA, bastidores e espetáculos que marcaram os 40 anos do Grupo Galpão ilustram uma história de VIVER PARA CONTAR

**36**



Lute como quem cuida - Cozinha Comunitária 9 de Julho | Divulgação

Num cenário em que FOME PEDE AÇÃO, diversas iniciativas sociais se colocam na linha de frente para levar comida às camadas mais vulneráveis da população brasileira

**54**

DOSSIÊ

**7**

EM PAUTA | O PAPEL DAS REVISTAS LITERÁRIAS

**62**

ENCONTROS | ZÉLIA DUNCAN

**68**

DEPOIMENTO | HISTÓRIAS DE REFÚGIO E MIGRAÇÃO

**72**

INÉDITOS | MÁRCIA DENSER

**76**

ALMANAQUE PAULISTANO

**80**

P.S. | FABIO LUIZ VASCONCELOS

**84**

# SEMANA DE PREVENÇÃO DE QUEDAS em pessoas idosas

CUIDAR PARA NÃO CAIR:  
MEU CORPO/CASA  
24 a 30 de junho de 2021



saiba mais em:  
[sescsp.org.br/prevencaodequedas](http://sescsp.org.br/prevencaodequedas)

assista em:  
[youtube.com/sescsp](https://youtube.com/sescsp)

#emcasacomsesc





## Reconhecer e transformar

CAMPANHA ALERTA PARA O AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS IDOSAS E DISCUTE CAMINHOS PARA A VALORIZAÇÃO DESSE GRUPO SOCIAL

A necessidade de restrição ao ambiente doméstico como medida de combate ao contágio da Covid-19 afetou de diversas formas a vida da população de idosos no Brasil. Enquanto alguns receberam o cuidado de parentes e amigos, outros passaram a sofrer diferentes tipos de violência no próprio lar. Atualmente, pesquisas apontam para um crescimento de 59% dos casos de violência geriátrica durante a pandemia. Entre os agravantes estão a carência de recursos linguísticos, éticos e afetivos nas relações interpessoais com os idosos, em especial no âmbito familiar.

Em abril de 2020, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH), a violência geriátrica quintuplicou, saindo de 3 mil denúncias em março para quase 17 mil no mês seguinte, um aumento de 567% nos casos. Tendo em vista esse cenário, o Sesc São Paulo realiza, entre os dias 15 e 22 de junho, a Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa, com o tema *Não enxergamos, mas é: violência contra a pessoa idosa*. Criada em parceria com o Conselho Estadual do Idoso, Grande Conselho Municipal do Idoso (SP), CRI-Norte, Observatório da Longevidade e Envelhecimento Humano (Olhe) e a ONG Eternamente Sou, a campanha fomenta debates e outras atividades em uma programação online.

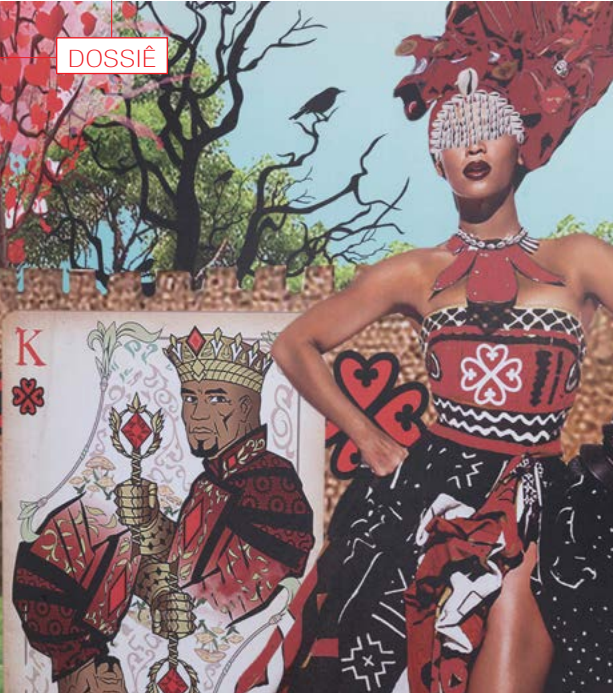
“A valorização da pessoa idosa consiste numa medida essencial para a construção de uma conjuntura que, ao garantir

os direitos de igualdade postulados constitucionalmente, também oportuniza a riqueza própria à existência humana na variedade de suas instâncias, inclusive etárias, que muito têm a partilhar e comunicar coletivamente”, ressalta Juliana Viana Barbosa, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc.

Na abertura da programação, dia 15/6, às 16h, participam da live *Não enxergamos, mas é: violência contra a pessoa idosa*, no canal do YouTube do Sesc São Paulo, Marília Berzins, presidente do Observatório do Envelhecimento Humano (Olhe), Diego Félix Miguel, padrinho da ONG Eternamente Sou, e Lia Diskin, presidente da Associação Palas Athena. Mais informações: [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br).

A VALORIZAÇÃO DA PESSOA IDOSA CONSISTE NUMA MEDIDA ESSENCIAL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CONJUNTURA QUE, AO GARANTIR OS DIREITOS DE IGUALDADE POSTULADOS CONSTITUCIONALMENTE, TAMBÉM OPORTUNIZA A RIQUEZA PRÓPRIA À EXISTÊNCIA HUMANA

**JULIANA VIANA BARBOSA**, assistente da gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc.



Fotomontagem (detalhe) de Mariana Ser | Registro fotográfico: Everton Ballardin

## DENTRO DA TOCA DE ALICE

Os cenários surreais criados pelo escritor inglês Lewis Carroll (1832-1898) para contar as aventuras de uma jovem heroína instigam até hoje a imaginação de adultos e crianças, que tornaram a obra *Alice no País das Maravilhas* (1865) um clássico da literatura. Imaginar esses lugares pelos quais a protagonista passeia foi o convite feito pela equipe de artes visuais do Sesc Santo André a oito artistas. O resultado pode ser visto pelo público na exposição *reAlices: narrativas artevisuais*, sob curadoria de Tatiana Fujimori e Priscila Xavier, em cartaz na unidade. Entre os artistas participantes estão Mauro Yamaguti (representante do muralismo), Renan Santos (ilustração em grandes proporções) e Nicole Bustamante (ilustração em prato). Acesse o livreto da exposição em: <http://bit.ly/LivretoReAlices>. E saiba como visitar *reAlices: narrativas artevisuais*: [www.sescsp.org.br/santoandre](http://www.sescsp.org.br/santoandre).

## GOSTOSO E SAUDÁVEL ATÉ O CAROÇO

Mostrar como fazer escolhas conscientes e manter uma alimentação saudável no seu dia a dia é o objetivo da websérie *Alimentação #EmCasaComSesc*. Em cada episódio, nutricionistas do Sesc São Paulo falam sobre a escolha dos alimentos, a importância do cozinhar, a higienização adequada de frutas, legumes e verduras, questões comportamentais associadas à comida, entre outros temas. E, claro, ensinam receitas nutritivas e saborosas, como no episódio 10, “Sem desperdício”, em que a nutricionista Aline Oliveira e o cozinheiro Aldenor Silva ensinam a aproveitar cascas, talos e folhas dos alimentos. A partir de receitas desenvolvidas pelas equipes das Comedorias com ingredientes acessíveis e modos de preparo simples, a websérie convida o público a colocar a mão na massa. Confira: [www.youtube.com/sescsp](http://www.youtube.com/sescsp).

## MEU PRIMEIRO PODCAST

Assim como adolescentes, jovens e adultos possuem um grande leque de opções de podcasts em plataformas online, as crianças começam a ganhar espaço nesse segmento. Pensando nisso, a equipe de educadores do Sesc Ipiranga criou a série *Conta uma História*, composta por quatro episódios. Desta vez, famosos personagens de contos infantis vivem divertidas aventuras que têm as redes sociais e os avanços tecnológicos como cenário. No primeiro episódio, *A Bruxa Espinhosa e a Torta de Maçã*, a Bruxa Má precisa lidar com a inveja provocada por fotos felizes no Instagram e outros dilemas da internet. Aperte o play: [www.youtube.com/sescipirangasp](http://www.youtube.com/sescipirangasp).



Alexandre Nunes

## EDGAR MORIN PRESENTE

Um mês antes do aniversário de 100 anos de **Edgar Morin**, um dos mais importantes pensadores vivos do século 21, o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc realiza a homenagem *Jornadas Edgar Morin: A Vida em Tempos de Incertezas e a Construção do Futuro*. Nos dias 28 e 29 de junho serão transmitidas mesas de debate com a participação de renomados professores e pesquisadores da obra de Morin, como Danilo Santos de Miranda, Conceição Almeida, Michel Maffesoli e Mario Sergio Cortella, sob a coordenação de Edgard de Assis Carvalho, pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo. O próprio Edgar Morin participa, diretamente da França, onde vive, na live do dia 28, às 15h. Em pauta, a pluralidade das reflexões dos participantes sobre o ser, o viver e o conviver na atualidade para a construção de uma política de civilização planetária que regenere o humanismo, em tempos de pandemia da Covid-19. Saiba mais: [www.sescsp.org.br/cpf](http://www.sescsp.org.br/cpf).







# Contra o relógio

UM DOS MAIS PREMIADOS ESTUDIOSOS BRASILEIROS DO CLIMA ALERTA PARA AS CONSEQUÊNCIAS DO AQUECIMENTO GLOBAL E APONTA SOLUÇÕES

As atividades agrícolas, o desmatamento das florestas tropicais e a intensa queima de combustíveis fósseis (petróleo, gás natural e carvão mineral) para o uso industrial, transporte urbano e geração de energia elétrica são os grandes responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa, que provocam o aquecimento global. “Hoje a temperatura média do planeta está cerca de um grau (Celsius) mais quente que 100 anos atrás. Alguém pode dizer: ‘Puxa, mas um grau é pouco. Afinal, quando entra uma frente fria, a temperatura cai cinco, seis, oito graus.’ No entanto, um grau significa muito porque estamos falando da temperatura de todo o planeta e não de um fenômeno meteorológico, como uma frente fria”, ressalta o cientista e pesquisador Carlos Nobre, atual copresidente do Painel de Ciência para a Amazônia, uma iniciativa da Rede de Soluções de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (UN SDSN, na sigla em inglês), que reúne mais de 200 pesquisadores dos países amazônicos e de outras nações para estudar a região e estabelecer diretrizes de proteção, conservação e desenvolvimento sustentável. Reconhecido por artigos científicos que nos anos 1990 já alertavam para o processo de “savanização da Amazônia”, Carlos Nobre explica que esse 1 °C a mais já está trazendo inúmeras modificações ao planeta. “Por exemplo, ele faz com que os extremos climáticos sejam mais intensos. Ou seja, temos chuvas e secas mais intensas porque o planeta está um grau mais quente.” Signatário do Acordo de Paris – tratado mundial firmado em 2015 com o objetivo de combater a mudança climática e suas trágicas consequências –, o Brasil ainda está longe de cumprir suas metas de redução da emissão dos gases de efeito estufa. No entanto, para o pesquisador, há medidas possíveis a serem adotadas pela economia brasileira nessa corrida contra o tempo pela preservação da vida no planeta.



**Os jornais vêm destacando com mais frequência diversos dados e pesquisas sobre os impactos das mudanças climáticas, como o aquecimento do planeta. Quais os principais efeitos desse cenário hoje?**

O aquecimento global está acontecendo há mais de um século e se acelerou nas últimas décadas, e é praticamente irreversível o que já está acontecendo. Hoje a temperatura média do planeta está um grau (Celsius) mais quente que 100 anos atrás. Alguém pode dizer: “Puxa, mas um grau é pouco. Afinal, quando entra uma frente fria, ela cai cinco, seis, oito graus.” No entanto, um grau significa muito, porque estamos falando da temperatura de todo o planeta, e não de um fenômeno meteorológico como uma frente fria. Esse “1 °C” já está trazendo inúmeras modificações. Por exemplo, ele faz com que os extremos climáticos sejam mais intensos. Ou seja, temos chuvas e secas mais intensas porque o planeta está um grau mais quente. Esses extremos acontecem porque a atmosfera mais quente retém mais vapor d’água – chuvas intensas e tempestades têm tudo a ver com a quantidade de vapor d’água na atmosfera. Quando há mais vapor d’água, há chuvas mais intensas e concentradas. E o oposto disso são as secas, que estão se tornando mais intensas e frequentes em muitos lugares, pelas mudanças das circulações atmosféricas e das temperaturas da superfície do mar.

**Por que seriam longos períodos de secas mais extremas?**

Quando se tem uma chuva muito intensa, a água cai no solo e esse solo está 1,5 °C mais quente, ou seja, ela evapora muito mais rápido. Assim, uma grande parte da água que cai sobre o solo evapora. Então, aumenta o extremo de seca. Tanto as chuvas mais concentradas quanto um maior período de secas são dois fatores visíveis. Outros fatores são mais lentos, mas estão acontecendo. Por exemplo, o nível médio do mar já aumentou 25 centímetros. De novo, alguém pode falar que isso é pouco, mas não é. Houve uma mudança da linha costeira em praticamente todo o mundo, a exemplo da costa brasileira. Além disso, ondas de calor estão mais frequentes e mais fortes, devido ao aquecimento global. O aquecimento global já está provocando modificações em todos os biomas: já estamos vendo partes da Floresta Amazônica se tornarem savanas degradadas. Parte disso tem a

NÓS TEMOS UMA  
RESPONSABILIDADE, COMO  
HUMANIDADE, DE COMBATER AS  
MUDANÇAS CLIMÁTICAS E ZERAR  
AS EMISSÕES POR QUEIMA DE  
COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS.

ver com o aquecimento global e outra parte, com o desmatamento. Essa combinação perversa do aquecimento global e do desmatamento faz a floresta reciclar muito menos água e diminui a absorção de carbono. A temperatura do planeta aumentou 1 °C, mas a temperatura da Amazônia aumentou mais de 1,5 °C. Se as pessoas prestarem um pouco de atenção, numa escala decadal (referente a décadas), não um mês ou um dia, já dá para perceber que o clima está mudando. Por exemplo, nos últimos 20 anos, nós tivemos os 19 anos mais quentes desde a segunda metade do século 19, que foi quando começou a haver termômetros e medidas de temperatura em todo o mundo. Esses 19 anos mais quentes foram de 2000 a 2020. No Brasil, nós tivemos o recorde de calor em muitas regiões em setembro e outubro de 2020, o ano mais quente em toda a América do Sul.

**Outro impacto se dá sobre a produção de alimentos no Brasil. De que forma?**

Uma boa parte do Brasil tropical está próximo do limite climático para a produção agropecuária e para a produção agrícola do que vem de fora, já que a soja, o trigo e o milho, entre outros grãos, não são espécies tropicais. São espécies que vieram de outros lugares e que foram desenvolvidas, aperfeiçoadas e domesticadas pela agricultura por séculos, principalmente no último século. A Embrapa tropicalizou várias dessas culturas para haver uma produção no Brasil, só que muitas delas, como soja, trigo, milho, arroz, têm um limite. E o clima do Brasil tropical está próximo desse limite. O clima do Cerrado e da Amazônia é muito quente para a maioria dessas espécies. E ondas de calor e secas, que já estão acontecendo com mais frequência, por exemplo, em partes da Amazônia e, principalmente, no Cerrado, estão causando queda de produção.

Então, na região chamada Matopiba [*denominação criada a partir das iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e que designa uma extensão geográfica que recobre parcialmente os territórios desses quatro estados*], onde houve uma grande expansão da soja no Cerrado, tivemos ondas de calor que provocaram grande perda da produção. A origem dessas ondas são as secas na Amazônia, precisamente no leste e centro-leste da Amazônia, de onde o ar vem mais quente para a Matopiba. Como as secas estão aumentando tanto na Amazônia quanto no Cerrado e no Sul (do país), tivemos, no ano passado, um recorde histórico de seca no Sul e uma enorme perda de produtividade agrícola. Por mais que na Região Sul do Brasil as temperaturas sejam compatíveis com uma produção agrícola razoável, o aumento e a frequência das secas fizeram aumentar a perda agrícola. E o Cerrado e o Norte do Brasil, se não tivermos sucesso em manter o Acordo de Paris, não mais serão áreas agrícolas. Por isso, é preciso pensar em novos produtos, como produtos das árvores do Cerrado e da Amazônia, que já estão adaptadas, mas o agronegócio tradicional não teria mais produtividade nessas regiões, e o Brasil deixaria de ser uma potência do agronegócio.

### **Desde seu primeiro alerta sobre a possível savanização da Amazônia, como a situação se agravou?**

Os primeiros alertas foram em artigos científicos publicados em 1990 e 1991. Naquela época, eu e meus coautores levantamos a hipótese de savanização. Quando o artigo foi publicado, o desmatamento era muito menor do que hoje, era 30% do que é hoje. E nós falamos: Se desmatam a Amazônia, o sul todo da região vira uma savana. Aquilo era uma hipótese. Estudos recentes, dos últimos cinco anos, mostram as características de que o processo de savanização está em curso: o sul da Amazônia está ficando mais

quente; a estação seca está três a quatro semanas mais longa; e está reciclando menos água. Estudos deste ano mostram que nessa região da floresta já está ocorrendo perda de carbono, quando a floresta, como um todo, retira carbono da atmosfera. 70% da emissão brasileira de gases de efeito estufa vem do desmatamento da Amazônia e da agricultura, então nós temos que liderar muito da pesquisa de como transformar nossa agricultura numa agricultura de carbono zero. Também as árvores do sul da Amazônia estão apresentando um aumento da taxa de mortalidade: isso é uma resposta ao aquecimento e ao aumento da frequência das secas. Antes, acontecia uma megasseca, aumentava-se a mortalidade, mas, depois, as árvores nasciam e cresciam

de novo, como acontece há milhões de anos na floresta. Mas, antes, tínhamos uma grande seca a cada 15 ou 20 anos, e agora estamos tendo uma seca intensa a cada cinco anos. Ou seja, a floresta não está conseguindo se recuperar. Todos esses aspectos em conjunto, em grande parte no sul da Amazônia, e também no sudoeste, no Amapá e na Guiana Francesa, apresentam esse efeito de savanização. Já não é mais aquela hipótese do meu artigo científico de 1990. A face da savanização da Amazônia se mostra a cada dia, e isso tem atraído a atenção da comunidade científica mundial. Nós temos visto praticamente um artigo científico de qualidade por mês mostrando várias facetas de que essa savanização já começou.

## A FACE DA SAVANIZAÇÃO DA AMAZÔNIA SE MOSTRA A CADA DIA, E ISSO TEM ATRAÍDO A ATENÇÃO DA COMUNIDADE CIENTÍFICA MUNDIAL

### **As regiões que apresentam esse efeito de savanização podem ser recuperadas?**

Temos que zerar o desmatamento o mais rápido possível, além de restaurar e regenerar grandes áreas de floresta degradadas. Se nós fizermos isso, é possível que consigamos parar a savanização, se junto com isso tivermos sucesso com o Acordo de Paris e a temperatura média global não passar de 1,5 °C. Nós estamos à beira do precipício da savanização. Se não tivermos ações para a contenção do aquecimento global e para a restauração da maior parte da área desmatada da Amazônia, nós vamos passar desse ponto de não retorno e 50%, 60%, talvez até 70% da floresta se tornará uma savana bem degradada.

**Fala-se muito da necessidade de um projeto autossustentável de desenvolvimento da Amazônia; inclusive, usa-se o termo bioeconomia. O que seria?**

Há vários estudos e vários casos práticos, portanto não é mais uma coisa teórica, que apontam: o valor de uma bioeconomia de floresta, o que a gente chama de Floresta em Pé, é muito maior que o de cortar a Amazônia para pastagens de pecuária e culturas agrícolas de grãos. Alguns sistemas agroflorestais, como o da cooperativa de Tomé-Açu, no Estado do Pará, produzem mais de 140 produtos, como castanha, cacau, açaí, andiroba, entre outros, de 70 espécies diferentes. Só que poucos desses sistemas atingiram escala de mercados globais, a exemplo do açaí, da castanha e do cacau. Mas esses sistemas agroflorestais já demonstram um potencial econômico maior que o da agropecuária. Sistemas agroflorestais muito bem cuidados e que produzem açaí, por exemplo, têm uma rentabilidade dez vezes maior que a pecuária da Amazônia. Você tem cerca de 1.000 dólares/hectare por ano num sistema agroflorestal bem cuidado, e isso só exportando açaí, sem industrializá-lo, contra 100 dólares/hectare por ano na pecuária mais rentável da Amazônia. Então, o potencial da bioeconomia da floresta em pé é muito maior que o da economia do agronegócio tradicional da Amazônia. Assim, de fato não há uma desculpa econômica para manter o modelo da agropecuária com desmatamentos dos últimos 50 anos. Então, nós temos todo o potencial para desenvolver a bioeconomia de floresta em pé. Ela tem um potencial econômico muito maior. Também existe o potencial de agregação de valor, de industrialização, para ter classe média, e no estado do Pará já há 150 mil pessoas envolvidas na cadeia do açaí, grande parte das pessoas no campo, em sistemas agroflorestais, mas a pré-industrialização já gerou quatro mil empregos que geram classe média.

**Outros biomas do país também têm esse potencial?**

Esse grande potencial não é só da Amazônia, mas de todo o Brasil, um país rico em biodiversidade, mas nós, culturalmente, nunca valorizamos nossa

biodiversidade. Todos os biomas brasileiros juntos produzem mais de cinco mil frutas comestíveis. Quantas frutas da nossa biodiversidade encontramos no supermercado? Pouquíssimas. Isso que estou falando é apenas em relação a frutas. Temos todo o potencial de desenvolver uma bioeconomia de floresta em pé em todos os biomas. O açaí é uma indústria de mais de 15 bilhões de dólares no mundo, um bilhão retorna para a Amazônia e já melhorou a vida de 150 mil pessoas, que eram, em grande parte, empregados de fazendas, paupérrimos, e muitos já chegaram à classe C. Eu participei de uma reunião virtual chamada Conferência Brasil do MIT e Harvard, neste ano, com o presidente do BNDES,

Gustavo Montesano, e ele falou que temos que desenvolver essa nova economia e o BNDES está voltado para a bioeconomia da floresta em pé. Isso tem que ser uma meta de política pública, um desafio para o setor privado e para a comunidade de ciência, tecnologia e inovação. Um desafio para criar comunidades que façam a industrialização na Amazônia, todos desafios perfeitamente possíveis de serem vencidos com as modernas tecnologias, com a indústria 4.0, e aí entra um projeto que criei há alguns anos que chamamos de “Amazônia 4.0”, que é exatamente a industrialização dos produtos da floresta mantendo a floresta em pé.

TEMOS TODO O  
POTENCIAL DE  
DESENVOLVER UMA  
BIOECONOMIA DE  
FLORESTA EM PÉ EM  
TODOS OS BIOMAS

**Nesse projeto, há a questão da biodiversidade aplicada aos medicamentos?**

O conceito de Amazônia 4.0 trata de todos os aspectos. Estamos começando a implementar alguns projetos na Amazônia, entre eles o nosso projeto em si, que ainda é inicial e pequeno. O conceito de Amazônia 4.0 coloca um autovalor dos biofármacos, e já há, sim, em Belém, uma organização social, nosso parceiro chamado BIOTEC Amazônia, que tem parceria com universidades e empresas, desenvolvendo o potencial de biomoléculas para muitos usos,







inclusive muitos usos industriais. Qual é o desafio dos biofármacos? É a complexidade de você desenvolver um novo fármaco. Em média, a indústria farmacêutica leva de cinco a dez anos para desenvolver um novo fármaco porque tem toda essa fase de testes, teste pré-clínico, teste em seres humanos etc. Você precisa ter certeza de que aquele fármaco não tem nenhum efeito colateral, tem que identificar todos os efeitos. Esse é um processo lento. Com a Covid-19 deu para ver que houve uma superacelerada. Dez vacinas foram desenvolvidas. Quem sabe possa-se também abreviar o tempo do desenvolvimento dos biofármacos. Há esse potencial.

**Quanto às energias renováveis, ainda há um grande atraso brasileiro nesse setor?**

Nós só vamos ter sucesso no Acordo de Paris se nós zerarmos a queima de combustíveis fósseis globalmente até meados do século 21. Aí, alguém pode falar que a energia fóssil é muito barata. Não existe mais isso. O Brasil tem a energia eólica mais barata do mundo. O Nordeste produz uma grande quantidade de energia eólica e nós vamos chegar a 20 gigawatts. O Brasil tem 130 gigawatts de energia elétrica, sendo que 16% desse total é de eólica; e a solar, que estava muito lenta, chegou a dar uma acelerada, e deve chegar a 4 gigawatts no final deste ano. Então, entre eólica e solar chegaremos perto de 25 gigawatts, quer dizer, um valor de 20% do total de produção de energia no Brasil. Eu diria que essa soma é muito significativa. Por quê? No país, ambas já são as energias mais baratas, então é puramente uma questão de escala. E, mesmo que fosse um pouco mais cara, nós temos uma responsabilidade, como humanidade, de combater as mudanças climáticas e zerar as emissões por queima de combustíveis fósseis.

**Com a pandemia, as grandes cidades apresentaram um fenômeno de “desocupação”, levando as pessoas para cidades menores, em busca de uma área melhor de convivência. Isso pode gerar impactos ao meio ambiente?**

A desurbanização pode ter tanto efeitos positivos quanto não positivos. Se ao desurbanizar você diminui o consumo de energia, você tem aí um efeito positivo, agora se a desurbanização aumentar

SE OS ESTADOS UNIDOS TIVEREM  
SUCESSO EM ZERAR A ENERGIA ELÉTRICA  
GERADA POR COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS, A  
CHINA, A ÍNDIA E A MAIORIA DOS PAÍSES  
DO MUNDO VÃO TER QUE CORRER ATRÁS

o desmatamento e aumentar a exploração de biomas, como se fosse uma expansão suburbana, você tem um efeito negativo. Então, se a desurbanização significar pessoas voltando para ambientes que já foram cidades, para áreas rurais onde vão reflorestar e aumentar a vegetação, acho que esse pode ser um efeito positivo. O que temos visto um pouco na Europa e nos Estados Unidos é o efeito positivo. A desurbanização não tem levado ao aumento do consumo de energia ou ao desmatamento. Em muitos desses lugares, as pessoas já chegam com a energia solar, e a pegada de carbono dessas pessoas nessas áreas rurais é positiva.



Pixabay

**Na Cúpula do Clima, em abril, os Estados Unidos anunciaram a meta de reduzir pela metade a emissão de gases responsáveis pelo aquecimento global até 2030. A questão climática vai passar a ser uma oportunidade econômica também?**

Sem dúvida. O presidente Joe Biden tem um plano muito ambicioso, que é zerar a geração de energia elétrica por combustíveis fósseis, termelétricas, petróleo, carvão e gás natural em 14 anos. Essa meta é tão desafiadora quanto zerar o desmatamento da Amazônia até 2030. Se os Estados Unidos conseguirem sucesso nisso, será um grande feito, porque é o segundo país que mais emite gases de efeito estufa e grande parte vem da queima desses combustíveis fósseis nas termelétricas. Então, se você passa tudo para geração elétrica solar e eólica e gera energia elétrica para a

movimentação dos veículos, ou seja, se até 2035 toda energia elétrica do país vier de fontes renováveis, você zera as emissões. Não é um desafio fácil de vencer, mas é muito bom que o presidente dos Estados Unidos tenha colocado esse desafio. A China, primeiro país responsável pelas emissões de gases de efeito estufa, não está tão atrasada, mas tem um desafio enorme. O país é o que mais usa energia solar no mundo e já passou a Alemanha. A China tem 600 mil ônibus que funcionam a energia elétrica, 180 milhões de motocicletas e bicicletas elétricas. Também é o país que mais produz painéis solares, mas ainda é o que mais emite e teria que cancelar a geração termelétrica com carvão, petróleo e gás natural, só que a velocidade com que ela faz isso não é suficiente, por isso ela colocou esse desafio para 2060, mas ela precisa ser mais ambiciosa. Se os Estados Unidos tiverem sucesso em zerar a energia elétrica gerada por combustíveis fósseis, a China a Índia e a maioria dos países do mundo vão ter que correr atrás. ■





# Economia **VERDE**


SUSTENTABILIDADE  
COMO PREMISSA DE  
DESENVOLVIMENTO  
GANHA FORÇA  
NO SÉCULO 21





A valorização e relação com as comunidades e culturas locais, além do incentivo a pesquisas científicas e o diálogo com outras Unidades de Conservação, fazem parte da estratégia de atuação da Reserva Natural Sesc Bertiooga





**D**esde meados do século 20, ambientalistas vêm realizando e divulgando estudos sobre os impactos das ações humanas nos ecossistemas e a necessidade de uma relação sustentável com os bens naturais. No entanto, foram necessárias décadas e mais décadas de conferências, acordos internacionais, agendas e, principalmente, uma pandemia para a sociedade como um todo recalcular sua rota de navegação. Em pauta na Cúpula do Clima, realizada virtualmente em abril passado, com a participação dos líderes de 17 países que, com os Estados Unidos, são responsáveis por cerca de 80% das emissões globais de carbono, a urgência de adotar a sustentabilidade como premissa econômica. Na ocasião, o presidente dos EUA, Joe Biden, reforçou a importância de uma economia de emissão zero (*leia Entrevista com o cientista Carlos Nobre sobre aquecimento global, nesta edição*).

Considerando a dimensão ambiental, a economia do *Green New Deal* (em português “novo acordo verde”) propõe outro olhar sobre produção, consumo, descarte de bens e serviços. E esse movimento deve se consolidar no mundo, segundo análise de Ricardo Abramovay, professor sênior do Programa de Ciência Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da Universidade de São Paulo (USP), em [debate online](#) realizado pela República do Amanhã – associação sem fins lucrativos voltada a promover discussões sobre os grandes desafios atuais.

“A relação entre sociedade e natureza é uma relação que não faz parte da tradição das ciências sociais e, portanto, quando vem uma proposta como essa do *green new deal*, é um convite para que a sociedade repense como ela está se relacionando com os serviços ecossistêmicos que sistematicamente o crescimento econômico vem destruindo e dos quais a sociedade depende”, destacou Abramovay, autor de diversos livros, entre eles *Amazônia: Por uma Economia do Conhecimento da Natureza* (Ed. Elefante/Terceira Via).

Grandes empresas vêm se adaptando, dado o atual quadro de aquecimento global, à necessidade de proteção da biodiversidade e a outras medidas de responsabilidade ambiental. O *data center* da Apple, por exemplo, em Prineville, é alimentado pelo parque eólico em Oregon, nos EUA, evitando toneladas de emissão de dióxido de carbono. A indústria automobilística também vem demonstrando essa preocupação. No primeiro trimestre deste ano, as vendas de veículos elétricos cresceram 140%, de acordo

com a Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês), graças, principalmente, aos mercados da China, Europa e Estados Unidos. De acordo com a IEA, esse resultado foi impulsionado por normas mais rígidas de emissão de carbono e por subsídios dos governos.

Para a coordenadora do Portfólio de Política Climática do Instituto Clima e Sociedade (ICS), Marina Marçal, as empresas estão cada vez mais atentas aos indicadores de responsabilidade social corporativa e ESG (*Environmental, Social and Governance*, em português, Governança Ambiental, Social e Corporativa – os três fatores centrais na medição da sustentabilidade e do impacto social de um investimento em uma empresa ou negócio). Isso acontece “ainda que por cobranças de financiadores, preocupação com a marca ou submissão a leis internacionais de responsabilidade nas cadeias de valor”, observa.

## Sustentabilidade empresarial

A perda da biodiversidade e as mudanças climáticas estão entre os cinco maiores riscos globais apontados no relatório do Fórum Econômico Mundial em 2020 e 2021. E o Brasil é um protagonista importante desse cenário, por ser detentor da maior diversidade biológica do planeta. Por isso, o setor empresarial brasileiro demonstra expectativas elevadas para a 15ª edição da Conferência das Partes (COP 15) da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), prevista para o primeiro semestre deste ano, na China. Nela será definido o Marco Global para a Biodiversidade Pós-2020, composto por metas para conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Tais expectativas nortearam o evento [Chegando a um Acordo Global Pós-2020 Transformador, o Posicionamento dos Negócios pela Natureza](#), realizado em abril passado e disponível na internet. Organizado pela Business for Nature (BfN), pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), a International Chamber of Commerce (ICC Brasil), a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS), a The Nature Conservancy (TNC) e a WWF-Brasil, o evento contou com a participação de representantes da comunidade empresarial, instituições financeiras e governo. Presidente do CEBDS, associação civil sem fins lucrativos, criada em 1997, a economista Marina Grossi reforçou o empenho do setor privado na direção de um desenvolvimento econômico sustentável.





Trilha Acessível do Sentir é a primeira trilha da Reserva Natural Sesc Bertiooga com base na arquitetura com desenho universal: a intenção é proporcionar interações e vivências educativas na natureza, para pessoas com e sem deficiência.

Foto Nativa





Pixabay

A economia do *Green New Deal* (em português “novo acordo verde”) propõe outro olhar sobre produção, consumo, descarte de bens e serviços

“Essa conferência de biodiversidade é o equivalente ao que foi, em 2015, o Acordo de Paris [*tratado mundial que possui o objetivo de reduzir o aquecimento global*]. A gente tem consciência disso, e a Câmara de Biodiversidade, que existe há 20 anos no CEBDS, trabalha arduamente para que a gente mostre metas ambiciosas. O setor privado precisa dar a sua participação nesse assunto”, enfatizou Grossi.

Além de uma nova postura das empresas, é preciso que iniciativas governamentais, e novas ações e comportamentos da sociedade, reforcem o fomento de uma economia ambientalmente responsável, visando ao cumprimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até o ano de 2030. Para isso, a pesquisadora Marina Marçal, mestra em Sociologia e Direito sobre Conflitos Socioambientais, Rurais e Urbanos pela Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), observa que é preciso vencer alguns obstáculos.

“MUITOS ATORES DA NOSSA SOCIEDADE AINDA NÃO COMPREENDERAM QUE É POSSÍVEL USAR DE FORMA SUSTENTÁVEL OS RECURSOS NATURAIS, SEM COMPROMETER O CRESCIMENTO ECONÔMICO DO PAÍS E A QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO.” ALÉM DISSO, MARINA MARÇAL COMPLEMENTA, “ESTÁ FALTANDO UMA MAIOR INTEGRAÇÃO ENTRE ESTADO, INICIATIVA PRIVADA E SOCIEDADE CIVIL PARA UMA VERDADEIRA REVOLUÇÃO VERDE”

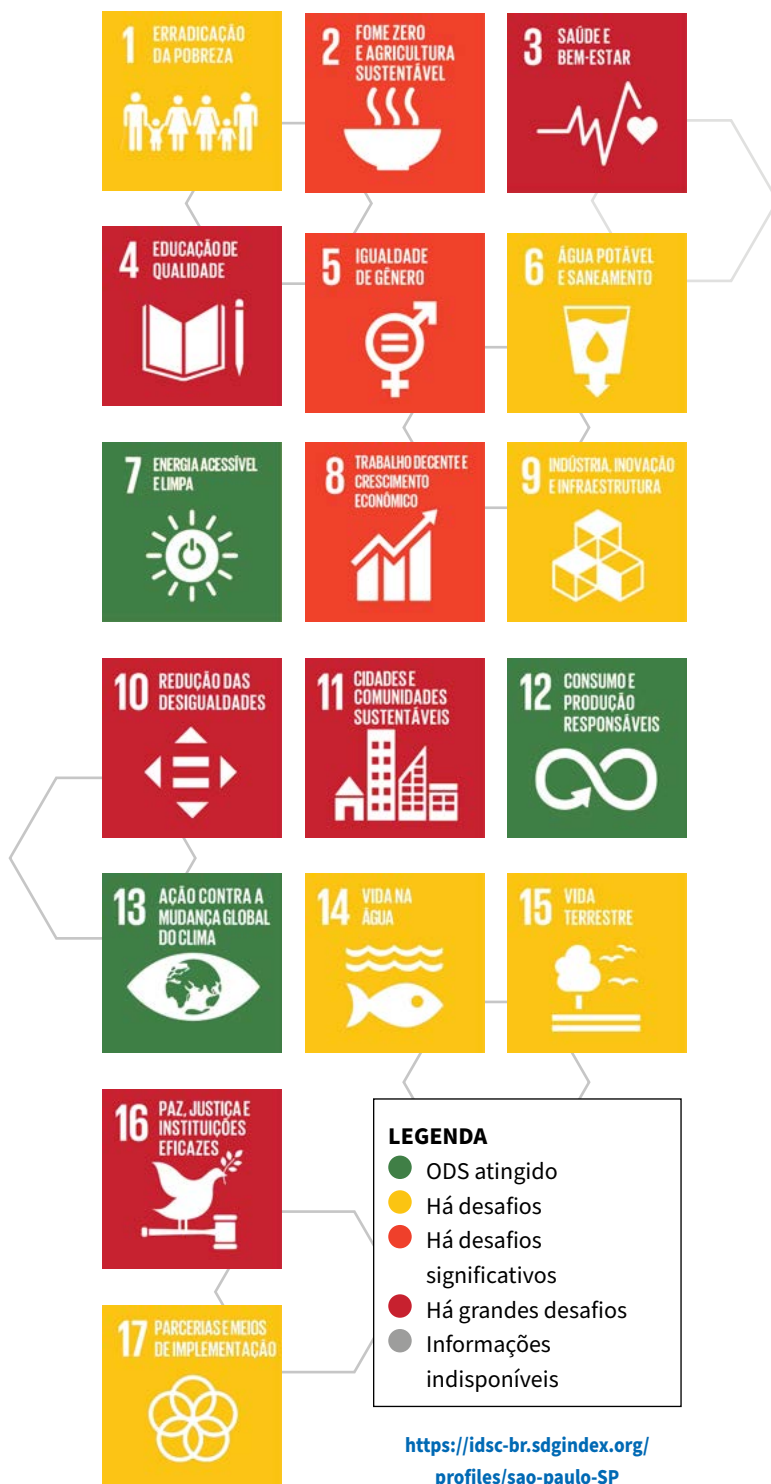
## 17 Metas até 2030

Em 2015, na Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, realizada em Nova York, na sede da Organização das Nações Unidas, os países integrantes definiram 17 **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)** como parte de uma nova agenda com prazo para 2030. Ela também é conhecida como a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Dela fazem parte as seguintes metas: Energia Acessível e Limpa, Consumo e Produção Responsáveis, Ação Contra Mudança Global do Clima, Fome Zero e Agricultura Sustentável, e outros 13 objetivos que também abarcam questões sociais importantes, como erradicação da pobreza e igualdade de gênero.

Ainda neste ano, a prefeitura de São Paulo deve divulgar seu primeiro plano de metas concretas ligadas à Agenda 2030, da ONU. Essa será a primeira vez que a cidade terá um plano formal e especificamente elaborado a fim de traduzir os 17 ODS, com metas incorporadas ao Plano Plurianual (PPA) do município. No entanto, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades – Brasil (IDSC-BR), apresentado em março passado, tanto a capital paulista quanto as outras 25 capitais estaduais ainda têm grandes desafios pela frente a fim de atingir os ODS nos próximos nove anos.

Ao todo, foram coletados e sistematizados dados de 770 municípios brasileiros, incluindo as capitais estaduais, além de cidades de todas as regiões metropolitanas e biomas do país, levando em conta 88 indicadores de gestão relacionados aos diversos temas abordados pelos 17 ODS. Esse estudo inédito, realizado antes da pandemia, foi desenvolvido pelo Programa Cidades Sustentáveis (PCS), em parceria com a Sustainable Development Solutions Network (SDSN), uma iniciativa da ONU para monitorar os ODS em seus países-membros, com apoio do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) e financiamento do Projeto CITInova. ■

CONFIRA COMO ESTÃO OS INDICADORES DA AGENDA 2030 NA CIDADE DE SÃO PAULO:



# Novas OPORTUNIDADES

CONHEÇA ALGUNS NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL E AMBIENTAL QUE REFORÇAM PRÁTICAS RESPONSÁVEIS

A economia do *Green New Deal*, além de poder gerar oportunidades econômicas ambientalmente responsáveis, deve também considerar a redução das desigualdades sociais em suas ações, como a criação de empregos verdes, geração de renda e arrecadação tributária, segundo a coordenadora do Portfólio de Política Climática do Instituto Clima e Sociedade (ICS), Marina Marçal. “Algumas empresas já têm percebido essa oportunidade e estão se interessando mais em ações como essas, que se tornam ainda mais importantes no contexto pós-pandêmico, considerando os mais de 14,4 milhões de desempregados hoje no Brasil”, ressalta.

Conheça algumas iniciativas:

## Green Eletron

Empresas fabricantes, importadoras, distribuidoras e comerciantes de produtos eletrônicos devem disponibilizar pontos de entrega voluntária para que seus consumidores possam descartar o lixo eletrônico da forma adequada. Em resposta à demanda crescente para a coleta e tratamento adequado dos eletroeletrônicos no fim da sua vida útil, a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) criou, em 2016, a Green Eletron – Gestora para Logística Reversa de Equipamentos Eletroeletrônicos. O principal objetivo é auxiliar as empresas no atendimento à Política Nacional de Resíduos Sólidos (lei 12.305/2010), a partir de um sistema coletivo para operacionalizar a Logística Reversa. Conheça: [www.greeneletron.org.br](http://www.greeneletron.org.br).



Divulgação



Divulgação







## Instituto Muda

Desde 2009, o Instituto Muda promove práticas sustentáveis nos condomínios residenciais da cidade de São Paulo por meio da Gestão de Resíduos.

Atualmente, o instituto destina corretamente mais de 350 toneladas mensais de materiais recicláveis às cooperativas, atendendo não só à legislação, como também promovendo

a geração de renda e impacto social positivo em cooperativas de reciclagem para as quais o material é doado. Empresas podem adotar um condomínio, manter a operação de coleta, e as cooperativas emitem os créditos da logística reversa para as empresas patrocinadoras. Saiba mais: <https://institutomuda.com.br/empresas>



Marcos Lima da Penha



Hamona Lopes

## Instituto Feira Livre

Localizada no bairro República, capital paulista, essa associação sem fins lucrativos promove o acesso a produtos orgânicos a partir de relações comerciais justas com todos os atores da cadeia produtiva, conectando quem produz a quem consome.

“O Instituto Feira Livre opta por um formato em que tudo o que estará disponível para compra terá o mesmo preço de venda do produtor”, descreve a associação em sua página na internet. Despesas como aluguel, fretes, salários, impostos e taxas são abertas e expostas ao público, que contribui com um percentual acrescido ao valor final da compra.

Confira: [www.institutofeiralivre.org](http://www.institutofeiralivre.org).

## Perifa Sustentável

Em 2019, a ativista climática e jovem embaixadora da ONU Amanda Costa criou a empresa social Perifa Sustentável para democratizar a Agenda 2030 na periferia da cidade de São Paulo. O objetivo dela é levar conhecimento sobre sustentabilidade para a periferia, depois de perceber que seus vizinhos e amigos não faziam ideia do que eram os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e outros temas tão caros do cenário atual. Para isso, a jovem adapta uma linguagem muitas vezes técnica, a fim de levar informação e realizar ações de responsabilidade ambiental adaptadas à realidade de quem mora na periferia. Saiba mais:

[www.instagram.com/perifasustentavel](https://www.instagram.com/perifasustentavel).



Divulgação

# Compromisso em REDE


CONSERVAÇÃO DE ECOSISTEMAS E PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR E DA CIDADANIA

Os caminhos da sustentabilidade exigem um empenho urgente para conciliar conservação da natureza e desenvolvimento humano, segundo reflexão feita pelo diretor do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda no *Cadernos Cidadania - Lixo: Menos é Mais. Ação e Educação para Sustentabilidade*. “Numa empresa ou instituição, tais caminhos passam por alterações nas cadeias de produção e escolhas que vão desde o estabelecimento de condutas cotidianas até a edificação de estruturas adequadas”, escreveu.

O Sesc São Paulo já se dedicava à adaptação e construção de suas unidades na capital, litoral e interior do estado, visando à acessibilidade universal, bem como à redução de consumo de água e de energia elétrica. E, desde 2012, todas as novas unidades tiveram projetos desenvolvidos com o apoio de consultoria para certificação ambiental (LEED ou AQUA) e de eficiência energética (Procel Edifica) (*leia matéria Novos tempos, publicada na Revista E nº 291, de janeiro de 2021*).

Em 2019, foi inaugurado o Sesc Guarulhos, primeira unidade onde todo o esgoto gerado passa por um processo interno, em estação de tratamento (depois disso, ele segue para a rede pública de coleta, facilitando o tratamento final). Na unidade, a água da chuva é captada no teto do edifício e, após tratamento, é utilizada no sistema de irrigação dos jardins, nos vasos sanitários e mictórios. Para além das estruturas prediais do Sesc São Paulo, a sustentabilidade está presente nas áreas verdes cultivadas e preservadas, como a reserva natural Sesc Bertiooga, uma área protegida com cerca de 60 hectares de Mata Atlântica, localizada na zona urbana da cidade.

Soma-se ainda qualidade do ambiente local, com programas de gestão de resíduos, a exemplo do *Lixo: Menos é Mais*. Desde 2010, esse programa é responsável por transformações estruturais, operacionais e atitudinais no cotidiano das unidades Sesc São Paulo por meio da destinação responsável, redução e eliminação de resíduos. Aliás, o mês de março de 2020 marcou o encerramento da venda de água engarrafada sem gás em todas as unidades, uma ação que faz parte da campanha *Água de Beber*. Com essa mudança, estima-se que deixarão de ser gerados aproximadamente 2 milhões de garrafas plásticas por ano no Sesc São Paulo.



A Reserva Natural Sesc Bertiooga corresponde a uma área de conservação de 60 hectares de floresta de restinga de Mata Atlântica



Com a criação da Reserva Natural Sesc Bertioga e a conservação de uma área de 60 hectares de floresta de restinga de Mata Atlântica, o Sesc São Paulo também efetiva a sua responsabilidade socioambiental em relação à proteção da biodiversidade e às mudanças climáticas. As ações educativas e de manejo promovem experiências que fortalecem os vínculos das pessoas com os ambientes naturais, ação vital para a qualidade de vida atual e futura.

A valorização e relação com as comunidades e culturas locais, além do incentivo a pesquisas científicas e o diálogo com outras Unidades de Conservação, fazem parte da estratégia de atuação da Reserva Natural Sesc Bertioga. A unidade conta com trilha suspensa e estrutura de recepção de público com desenho universal, recursos de acessibilidade e equipe de educadores ambientais.

Essa e outras ações educativas realizadas pelo Sesc São Paulo têm como objetivo compartilhar conhecimentos e experiências que possam melhorar a qualidade de vida das pessoas e do ambiente onde vivem. “Ao longo dos seus 75 anos, o Sesc foi se transformando à medida que a sociedade ampliava o debate a respeito da responsabilidade socioambiental. Esse processo foi tornando nossos projetos mais consistentes e permanentes, a ponto de tornar a sustentabilidade uma diretriz estratégica institucional”, afirma Denise S. Baena Segura, gerente da Gerência de Educação para Sustentabilidade e Cidadania do Sesc.

“Além das atividades educativas e participativas, o Sesc tem o compromisso de realizar um trabalho de conservação e recuperação de áreas verdes, ações para redução e destinação adequada dos resíduos, adequações nas edificações para diminuir o consumo de água e energia, bem como projetos arquitetônicos passíveis de certificação ambiental”, completa.

Confira alguns destaques da programação de junho:

#### GUARULHOS

##### bate-papo **Engajamento comunitário e enfrentamento às mudanças climáticas**

As mudanças no clima, ou a crise climática, são hoje um dos maiores desafios impostos para a humanidade. Ações individuais têm sua importância para o combate a esse desafio, entretanto, é a partir da coletividade que as respostas efetivas virão. Nesse bate-papo **no canal do YouTube do Sesc Guarulhos**, Alexander Turra (USP), Amanda Costa, da Perifa Sustentável, e Carol Ayres, do Humana, falam sobre a importância do engajamento comunitário para o enfrentamento às mudanças climáticas. (Dia 8/6, das 19h às 21h)

#### SÃO CAETANO e SANTO ANDRÉ

##### bate-papo **Caminhos da Agricultura do ABCDMRR**

Bate-papo realizado pelo Sesc São Caetano e Sesc Santo André, no lançamento de documentário e *e-book* que narram 12 histórias sobre a agricultura urbana da região do ABCDMRR. Em pauta, convidados irão falar sobre formas de organização dos produtores, manejos utilizados, estratégias de comercialização, usos das mídias sociais e o envolvimento de instituições sociais, **no canal do YouTube do Sesc São Paulo**. (Dia 12/6, das 16h às 17h).

#### SESC IDEIAS

##### **Sustentabilidade nas Cidades: Mobilização, Articulação Social e Qualidade de Vida**

Neste debate, o Diretor Presidente do Instituto Cidades Sustentáveis, Jorge Abrahão, e a arquiteta e urbanista Lara Freitas falam sobre a gestão pública para uma agenda sustentável, com mediação da jornalista Maria Zulmira de Souza.

##### **Biodiversidade: das práticas sociais à sustentação da vida**

Sidnei Raimundo, da USP, Paloma Costa, da ONU e Engajamundo, e Dominga Natalia Moreira Santos Rosa, da Associação Quilombo Kalunga, debatem sobre as relações entre biodiversidade e mudanças climáticas. Disponível a partir de 3/6, às 16h. Assista: [www.youtube.com/secscsp](http://www.youtube.com/secscsp).

#### BIRIGUI

##### oficina **Retratos do Território**

Você conhece iniciativas socioambientais da sua cidade e região? Na oficina *Retratos do Território* serão realizadas entrevistas com os atores de alguns projetos do município paulista de Birigui, com o objetivo de divulgar tais experiências, bem como de sensibilizar moradores sobre temáticas socioambientais importantes, como agroecologia, consumo responsável e gestão de resíduos. Participam da oficina: Sítio Natureza, Sítio Panorama e Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Araçatuba – Acrepom. (De 2 a 16/6, quartas-feiras, das 17h às 17h15. Informações: [www.secscsp.org.br/birigui](http://www.secscsp.org.br/birigui)).

# Uma estrela se lança ao **INFINITO**

OS PASSOS INCONFUNDÍVEIS  
DE ISMAEL IVO, UM DOS MAIORES  
REPRESENTANTES DA DANÇA  
BRASILEIRA NO CENÁRIO MUNDIAL

Ismael Ivo em *Logos Diálogos* (2014),  
espetáculos que dialogam com as Suítes V  
e VI de Johan Sebastian Bach, executadas  
pelo violoncelista Dimos Gouderoulis,  
com coreografia de Ismael Ivo





No percurso da vida do bailarino e coreógrafo Ismael Ivo, algumas cidades simbolizaram a mudança de direção: São Paulo, Nova York, Viena, Berlim e Veneza. Mas foi Salvador aquela que representou um *antes e depois* na carreira do paulistano de Vila Ema, Zona Leste, que morreu em 8 de abril, aos 66 anos, em decorrência da Covid-19. O *Rito do Corpo em Lua* era o solo que Ivo apresentava na capital baiana em 1983. Na plateia estava o lendário coreógrafo afro-americano Alvin Ailey, expoente da dança moderna. Impressionado com o magnetismo do *performer* que acabara de conhecer, Ailey, na mesma ocasião, ofereceu-lhe a chance de ser parte da prestigiosa *Alvin Ailey American Dance Theatre*.

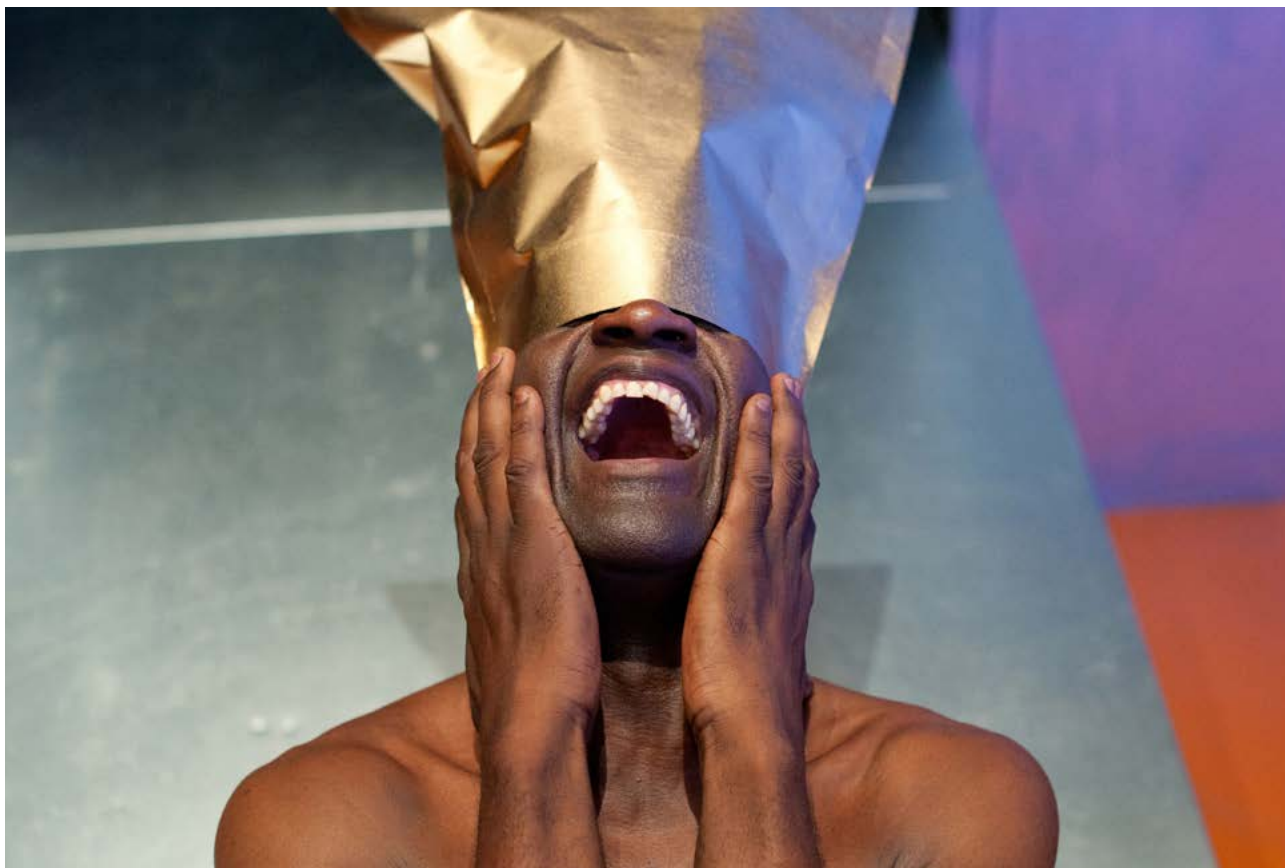
“Alvin Ailey me viu e disse: ‘Você tem uma forma diferenciada de se mover. Onde você está aprendendo isso?’”, recordaria Ismael Ivo em 2017, em entrevista aos professores-pesquisadores Noel dos Santos Carvalho e Ana Cristina Ribeiro Silva, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Eu respondi que era minha pesquisa, do meu próprio interesse. Ele, então, me convidou para ir a Nova York. Meu axé estava plantado na Bahia. É de lá que eu tinha de sair para o mundo.”

#### PRIMEIROS GIROS

Assim, aos 28 anos, o bailarino trilhou o caminho que o levou à consagração internacional como um dos maiores nomes da dança, fiel às raízes de um Brasil moderno, mas conectado com a arte universal. Antes de Nova York, porém, fez história com obras de assinatura própria, uma *dança-teatro paulistana*, segundo explica a ensaísta, curadora e gestora em dança Cássia Navas, que também atua como professora-pesquisadora da Unicamp. “Suas performances já traziam, de maneira contemporânea, a marca da ancestralidade, construída em uma família de matriarcas, mulheres trabalhadoras, que o criaram numa casa com quintal, com árvore, bacias de água e roupa para lavar”, conta.

Era nesse lar simples que, menino, dançava “girando e girando”, observado pela mãe, empregada doméstica, de quem sempre recebeu incentivo para ir em frente. Na juventude, deu início a uma ascensão artística memorável, quando estudou com a bailarina Ruth Rachou, compôs elencos com os diretores Takao Kusuno e José Possi Neto, fez parte do Teatro de Dança Galpão e integrou o grupo experimental de dança do Teatro Municipal de São Paulo, levado pelo coreógrafo Klaus Vianna.





Laurent Ziegler

O bailarino e coreógrafo encenando *Francis Bacon*, espetáculo de 1993. Na direção da montagem, o célebre diretor austríaco Johann Kresnik, um dos pioneiros do dança-teatro alemão

Dos Estados Unidos partiu rumo a Viena, onde, em 1984, com o diretor artístico Karl Regensburger, fundou o ImPulsTanz, festival de dança que se tornou um dos maiores da Europa. O continente foi a sua base por mais de três décadas. “Sempre lotando temporadas e colocando a sua dança – e a dança do Brasil – no mapa da difusão mundial”, comenta Cássia Navas.

Estabeleceu-se em Berlim em 1985. Morando na capital alemã, consolidou parcerias artísticas com nomes como Pina Bausch, William Forsythe, Yoshi Oida, George Tabori, Heiner Müller, Ushio Amagatsu, Kazuo Ono e Marina Abramović. Com a bailarina brasileira Marcia Haydée, ícone do Stuttgart Ballet, protagonizou *Tristão e Isolda*, *Aura* e *Wie Callas*, entre os anos de 1999 e 2004. Ivo se referia ao período como “um encontro de almas”, tamanha foi a sintonia da dupla – àquela altura, duas divindades em cena.

#### NOVOS PERCURSOS

Outro ápice aconteceu ao lado de um dos nomes mais respeitados da dança-teatro alemã, o coreógrafo austríaco Johann Kresnik. Juntos, trabalharam nas aclamadas montagens de *Bacon* e *Othello*. Na Alemanha, foi também diretor do Teatro Nacional de Weimar, entre 1996 e 2000, o primeiro negro – e estrangeiro – a ocupar o cargo. A bem-sucedida experiência como gestor o levou a dirigir a seção de dança da Bienal de Veneza, de 2005 a 2012. Também desenvolveu exitoso projeto Biblioteca do Corpo, em que jovens artistas brasileiros partem para um intercâmbio internacional, em parceria com o Sesc São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura e a SP Escola de Teatro.

Em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 10 de abril em homenagem ao coreógrafo, Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo, lembrou da sua vertente de educador: “Ismael Ivo escolheu, também, a educação, formando jovens e espalhando pelo mundo corpos-dança diversos e singulares”, escreveu. O bailarino que um dia

# A elegância nas telas

EcoMúsica Harpia

PRINCIPAIS PRODUÇÕES COM O COREÓGRAFO DISPONÍVEIS NA INTERNET

## EcoMúsica Harpia (2018)

Com as cataratas do Iguazu como pano de fundo, o pianista e compositor Fábio Caramuru interage com o bailarino Ismael Ivo ao longo do videoclipe.  
<https://www.youtube.com/watch?v=wXAk8Up8Bj8>

## I had too much coffee (2002)

Videoperformance solo realizada pelo diretor Ralf Schmerberg. Na obra, Ivo dança sobre centenas de xícaras de café, em alusão à economia colonial brasileira no século 19. Filmado em Berlim.  
<https://www.instagram.com/p/CN-65q8HaGd/>

## Portrait (2006)

Com direção de Lutz Gregor, vídeo mostra trechos de coreografias de Ismael Ivo em diferentes épocas. Trata-se do trailer de um filme sobre o artista, nunca concluído.  
<https://www.youtube.com/watch?v=jYUBgTqMRqY>

## Tones on the Stones: Ismael Ivo in “Atlas” (2011)

Especial, dividido em duas partes, traz o registro de performance solo realizada na Itália. Exibe, ainda, uma entrevista com o coreógrafo, falada em italiano.  
 Parte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=PZNW05ynIO4>  
 Parte 2: [https://www.youtube.com/watch?v=dOVKcYh\\_6SU](https://www.youtube.com/watch?v=dOVKcYh_6SU)

## O Rito de Ismael Ivo (2003)

Curta-metragem dirigido por Ari Cândido Fernandes. Reúne momentos coreográficos e reflexões do artista sobre a vida, religião e sua trajetória na dança.  
<https://www.youtube.com/watch?v=Pt0641ojr90>

## Figuras da Dança (2012)

Documentário, realizado pela São Paulo Companhia de Dança, conta a história do bailarino a partir de depoimentos diversos.

<https://www.youtube.com/watch?v=Huk8ulV9Ag4>



## A Biblioteca de Babel (2019)

Espectáculo, concebido por Ismael Ivo e Marcel Kaskeline, apresentado no Theatro Municipal pelo Balé da Cidade de São Paulo.  
<https://www.youtube.com/watch?v=qimtUHWyB5w>



Foto: Milton Silva | Acervo Sesc. Memórias

Protagonizando *Othello*, de William Shakespeare, também sob direção de Johann Kresnik. O aclamado espetáculo foi apresentado no Teatro Sesc Pompeia em novembro de 1997

decidiu traçar o próprio trajeto artístico podia, agora, guiar os talentos que encontrava. “Quando todos os corpos-Ivo se entrecruzam, dá-se o fenômeno do agora: pura presença e duração”, destacou no texto.

#### PRESENÇA INSPIRADORA

Um desses expoentes é Rubens Oliveira, coreógrafo e diretor da Gumboot Dance, premiado em 2018 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) com o espetáculo *Subterrâneo*. Dois anos antes, Oliveira participou da residência artística do ImPulsTanz, em Viena. “Tive o prazer de ouvi-lo dizer, para um público de milhares de pessoas do mundo todo, o quanto importante era se alimentar de arte. Ele conseguia nos deixar hipnotizados com sua força e fome de dança, de expressão”, lembra.

Memórias que se assemelham às do diretor alemão Ralf Schmerberg, que dirigiu Ismael Ivo na videoperformance *I Had Too Much Coffee*. No trabalho, de 2002, o bailarino dança sobre centenas de xícaras de café, ora vertendo o líquido pelo corpo, ora sorvendo-o.

“Ele era um mestre em sua arte. Estar em sua presença já foi uma inspiração. Sua excelente compreensão de movimento era rara. Aprendi com ele que até um dedo do pé pode contar uma história”, rememora Schmerberg.

Apreço também presente entre importantes nomes da dança no país, como Henrique Rodovalho, coreógrafo e diretor artístico da Quasar Cia. de Dança. “Ismael Ivo conquistou o Brasil e o mundo com a sua pessoa e, sobretudo, com a sua arte. Conhecíamos e reverenciávamos a trajetória e trabalhos de cada um”, afirma Rodovalho.

#### PORTAS ABERTAS

Em 2017, o coreógrafo alterou de vez o seu percurso europeu, ao declinar o convite para assumir a Göteborg Opera, na Suécia. O destino o fez retornar ao Brasil para dirigir o Balé da Cidade de São Paulo – novamente, era o primeiro negro a ocupar tal cargo. Promoveu um impactante processo de democratização do acesso à dança, abrindo as portas do Teatro Municipal e integrando projetos sociais ao cotidiano da companhia.



“Nossos alunos tiveram não só a oportunidade de assistir a espetáculos diversos, mas também de realizar apresentações artísticas no *foyer*”, conta Monica Tarragó, bailarina e diretora do Ballet Paraisópolis, do qual Ismael Ivo foi padrinho e conselheiro.

Como diretor do Balé da Cidade, olhou de perto como era composto o seu corpo de baile. O exercício o intrigou: quis mais diversidade. “No Brasil temos um histórico da dança cênica como uma herança europeia, e o quadro de bailarinos sempre é, em maioria ou totalidade, branca. O bailarino negro não era visto”, analisa a bailarina Grécia Catarina, uma das primeiras integrantes negras selecionadas para a companhia sob a gestão de Ivo.

#### O FUTURO SE MOVE

Para o coreógrafo, o momento que o Brasil vivia era de revisão, tanto no âmbito cultural quanto político. E ele queria estar perto, fazendo parte do que enxergava como um período de transformação social. Um dos amigos com os quais compartilhou planos foi o ator, diretor e dramaturgo Ivam Cabral, diretor executivo da SP Escola de Teatro. Até dias antes do falecimento do artista, ambos dividiam ideias sobre a SP Escola de Dança. “Seu projeto sonhado ao longo da vida inteira”, informa Cabral.

Ele se dedicava, também, ao conselho curador da Fundação Padre Anchieta, e atuava como assessor artístico da TV Cultura. “Ismael havia elencado o modelo pedagógico e sistemático do projeto da SP Escola de Teatro como referência para conduzir a SP Escola de Dança”, revela Cabral. A instituição será implantada em 2022, e se chamará SP Escola de Dança Ismael Ivo. Uma das formas pelas quais o bailarino seguirá dançando, infinitamente, pelas ruas da cidade que foi seu ponto de partida. ■

# Registros de um legado

PROGRAMAÇÕES DE DANÇA  
COM ISMAEL IVO NO SESCTV

“Vivemos na velocidade da comunicação por meio da internet. A dança contemporânea não só exercita uma linguagem estética, mas permite indagar quais tipos de vozes operam e quais transformações ocorrem no mundo”, disse um dos mais importantes bailarinos e coreógrafos do mundo em Depoimento publicado na *Revista E*, nº 172, de setembro de 2011. Uma década depois, a fala de Ismael Ivo descreve o presente: momento em que a dança se reinventa no ambiente virtual. O mesmo ambiente, inclusive, que permite ao público assistir a algumas obras do legado desse grande artista.

Confira uma programação especial em homenagem ao coreógrafo e bailarino Ismael Ivo exibida pelo SescTV:

#### Erêndira (2014)

O programa exhibe coreografia da *Biblioteca do Corpo*, dirigida por Ismael Ivo, e inspirada na obra *A Incrível e Triste História da Cândida Erêndira e da Sua Avó Desalmada*, do colombiano Gabriel García Márquez, gravada no Sesc Pinheiros.

#### Logos Diálogos - Parte 3 (2014)

O programa apresenta espetáculos que dialogam com as Suítes V e VI de Johan Sebastian Bach, executadas pelo violoncelista Dimos Goudaroulis, com coreografia de Ismael Ivo.

#### Mapplethorpe (2005)

Espectáculo composto em tributo ao polêmico fotógrafo norte-americano Robert Mapplethorpe (1946-1989).

#### Babilônia II Terzo Paradiso (2011)

Apresenta o espetáculo *Babilônia: II Terzo Paradiso*, concebido e dirigido pelo bailarino e coreógrafo Ismael Ivo, com 25 bailarinos de diferentes nacionalidades. 12 anos.

Disponível gratuitamente – e sem necessidade de cadastro – na internet e em operadoras de TV por assinatura, em várias regiões do país, o SescTV pode ser assistido por meio de diversos suportes de mídia, incluindo a plataforma *streaming on demand*.

Confira: [www.sesctv.org.br](http://www.sesctv.org.br).

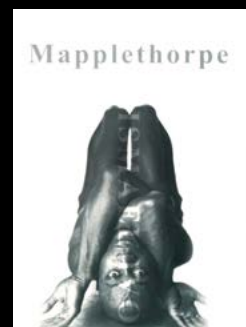


Foto: Christian Kánzig | Arquivo Sesc Memórias

# ISMAEL IVO e seu projeto dos sonhos

UM DOS DIRETORES E FUNDADORES  
DA CIA. DE TEATRO OS SATYROS E  
DA SP ESCOLA DE TEATRO, NAM CABRAL  
ESCREVE EM HOMENAGEM AO  
BAILARINO, COREÓGRAFO E AMIGO

No início dos anos 1990, nós, Satyros, perambulamos muito pela Europa. Embora a nossa relação com o velho continente continue até hoje, esse momento foi de grandes descobertas. Fizemos turnê com nosso espetáculo *A Filosofia na Alcova*, de Portugal à Ucrânia, passando pela França, Inglaterra e Escócia, entre outros países. Em Londres, ficamos em cartaz no Battersea Arts Centre, nessa época o templo sagrado da experimentação artística no mundo. Foi ali que conheci Ismael Ivo. E foi um encontro tenso. Soube, desde o início, que estava diante de um deus. Embora Ismael tenha sido bastante simpático, tremi e perdi a voz durante o encontro. Mas tinha razões. Muitas.

A primeira delas é que Ismael, desde o tempo da minha formação em teatro na PUC do Paraná, em Curitiba, era uma espécie de ídolo maior. A segunda é que eu havia sido testemunha de que a chegada do bailarino e coreógrafo havia parado o meio artístico no Reino Unido. Além de estar em todas as primeiras páginas dos segundos cadernos dos principais jornais do país, cartazes enormes com sua foto eram distribuídos em todas as estações de metrô de Londres. Lembro bem desses cartazes, também. Traziam uma foto em preto e branco do Ismael, corpo nu, apenas cobrindo suas partes íntimas com sombras.

Depois disso, passamos muitos anos sem nos encontrarmos. Lembro, como se fosse hoje, o dia em que Lisboa também parou para recebê-lo. Final dos anos 1990, festival Culturgest, Fundação Calouste Gulbenkian. Dessa vez, não consegui assisti-lo porque os bilhetes esgotaram muito rapidamente. Mas parece que o destino estava nos unindo, de certa maneira. Na noite em que Ismael estreou seu espetáculo em Lisboa, fui jantar na Cervejaria Trindade, no Chiado, com um grupo de amigos. Papo aqui, papo ali e, de repente, Ismael Ivo adentra o espaço com sua equipe. Terminamos juntando mesas, numa grande confraria e, a partir dessa noite, Ismael seria um amigo querido, que falávamos vez ou outra, sempre nos vendo pouco, mas conectados através de e-mail.

Em 2006 fizemos uma turnê pela Alemanha com o espetáculo *A Vida na Praça Roosevelt*, atuamos em Mülheim an der Ruhr, na região de Düsseldorf, e Ismael estava em nossa plateia. Foi

nessa noite que conversamos pela primeira vez sobre um projeto que estávamos gestando, a SP Escola de Teatro. Ismael ficou bastante interessado e, a partir de então, começamos a falar sobre um projeto pessoal seu, que era a de construção de uma escola de dança em São Paulo, com vocação social: voltado para a população carente, que adentrasse comunidades e favelas, que desse visibilidade aos pretos e à periferia.

Em 2009, nossa SP Escola de Teatro foi inaugurada e, um tempinho depois, fui procurado pelo Ismael, que queria desenvolver um projeto conosco, o Biblioteca do Corpo, uma ponte internacional para conectar bailarinos emergentes brasileiros com o mundo, a partir de seu trabalho em Viena, na Áustria. Um projeto muito ousado, em três fases.

Eu me arrepiei com tamanha ousadia. Porém como fazer isso, afinal? De onde viriam os recursos? Mas Ismael era mago também no território das realizações. Em pouco tempo, a SP Escola de Teatro estava conectada com o Sesc São Paulo e a Secretaria de Cultura do Estado e, enfim, em 2014, o projeto foi colocado de pé.

Não sei exatamente o porquê, mas acabei não indo pra Viena, enviando para me representar o Tato Consorti, meu assessor na SP Escola de Teatro, que passou dez dias no ImPulsTanz Festival, que aconteceu 2015, quando estreou *Das Tripas... Coração*, o espetáculo que resultou desse trabalho.

O resultado desse *Das Tripas... Coração* era sublime. Sempre achei que grande parte da evolução teatral veio da dança. Sem a dança, o teatro seria pouco, muito pouco, ou até mesmo nada. A dança é arte da cena, é mais do que autoconhecimento, é poesia em movimento. Esses intercâmbios de linguagens, a propósito, são vitais no trabalho de Ismael, cuja produção acentua a teatralidade da cena e a teatralização do corpo dos bailarinos atuantes. O primeiro solo que coreografou, inclusive, *Ode para o Rei de Harlem*, foi desenvolvido a partir de um poema de Federico García Lorca.

A transdisciplinaridade e o apreço pela maestria da técnica, contudo, jamais levaram a um esteticismo neutro, haja vista sua conexão com ícones da ressignificação cultural da negritude nos anos 1960 e 1970, como Abdias do Nascimento, Thereza Santos e Helena Teodoro, por exemplo. Finalmente, Ismael ainda utilizava a dança como ferramenta de acessibilidade e transformação social. Como não amar?

Mas, calma. Ismael não era fácil. Terminamos esse trabalho muito abalados. Porque o projeto previa, ainda, uma série de encontros, palestras e workshops. O primeiro encontro, realizado na sala Nydia Lícia, no Teatro Sérgio Cardoso, com cerca de 900 poltronas, recebeu um público de cerca de 100 pessoas. Ismael ficou possesso.

Então, decidi ficar pianinho e, sabia, o tempo resolveria tudo. E resolveu! Um tempinho depois, e já estava almoçando com o Ismael e trocando histórias e sonhos. E chegou o momento, era hora de falarmos da SP Escola de Dança, seu projeto sonhado ao longo da vida inteira. Nesse momento, também já tinha decidido trocar Viena por São Paulo e estava trabalhando no Balé da Cidade, no Theatro Municipal.

A partir de então, nos falávamos com muita frequência, e Ismael havia elencado o modelo pedagógico e sistemático do projeto da SP Escola de Dança como referência para conduzir a SP Escola de Dança. Ismael levou o projeto da SP Escola de Dança para o secretário Sérgio Sá Leitão e o governador João Dória, que abraçaram a ideia, sugeriram uma articulação com a São Paulo Companhia de Dança e indicaram o Complexo Cultural Júlio Prestes, onde fica a Sala São Paulo, como a sede da nova instituição, que passaria a integrar o ecossistema de cultura do governo do Estado de São Paulo. Com a equipe da secretaria, passamos a desenvolver em parceria o projeto, que será implantado em 2022 como SP Escola de Dança Ismael Ivo.

SOUBE, DESDE O  
INÍCIO, QUE ESTAVA  
DIANTE DE UM DEUS

Durante todo esse período de isolamento social, continuamos nos falando cada vez mais. Acompanhei com muita tristeza seus problemas de saúde em junho do ano passado, quando nosso amigo sofreu dois AVCs. Mas acompanhei, também e com muita alegria, suas recuperações e vitórias. Em março, fico sabendo através do Fabio Mazzoni que Ismael havia contraído a Covid-19 e que se encontrava na UTI do Sírío Libanês. Tremi. Enviei uma mensagem a ele pedindo que se comunicasse comigo assim que possível. Nos falamos até poucos dias de sua morte. Nossa última mensagem, no dia 29 de março, veio de um Ismael esperançoso: “Tudo se resolvendo sem problemas. Send you my love”. Mas, sabemos, o final não veio feliz. No dia 8 de abril, infelizmente, nosso querido foi vencido pelo coronavírus.

**IVAM CABRAL** é ator, diretor e dramaturgo. É cofundador, ao lado de Rodolfo García Vázquez, da Cia. de Teatro Os Satyros. Lançou, em 2006, o livro *O Teatro de Ivam Cabral – Quatro Textos para um Teatro Veloz*, pela Coleção Aplauso, da Imprensa Oficial de São Paulo. Em 2010, foi indicado ao Prêmio Jabuti. É um dos fundadores e diretores da SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco.







Elenco de *Romeu e Julieta*

# Viver para contar

A TRAJETÓRIA DO GRUPO GALPÃO,  
QUE EM 2022 CELEBRARÁ QUATRO  
DÉCADAS DE HISTÓRIA

As ruas de Belo Horizonte foram testemunhas da reunião de atores e atrizes que formaram, em novembro de 1982, uma das mais importantes e longevas companhias teatrais do Brasil. Era o início do Grupo Galpão, que já transbordava a essência pela qual se notabilizou: a criação coletiva e uma linguagem artística que une o regional e o universal, o popular e o erudito. Sobre esse aspecto tão marcante, escreveu a crítica teatral Barbara Heliodora, em 12 de julho de 1993: “Se William Shakespeare tivesse nascido no interior de Minas Gerais, é bem possível que seu *Romeu e Julieta* saísse assim como o Grupo Galpão o apresentou neste último fim de semana na praça do espaço cultural dos Correios, no espetáculo concebido e dirigido por Gabriel Villela, que transborda mineirice ele mesmo”.

Outras palavras de arrebatamento – vindas da imprensa especializada, colegas de ofício ou espectadores – descrevem as quase quatro décadas desde o primeiro espetáculo da trupe, *E a Noiva Não Quer Casar*. Uma história amplamente registrada em imagens, ano a ano, compondo um rico acervo, que agora vem a público com o livro *Grupo Galpão: Tempos de Viver e de Contar* (veja boxe *Memórias em cena*). A organização do extenso material é do ator e diretor Eduardo Moreira – integrante da linha fundadora da companhia.

“As imagens revelam a evolução estética do grupo e como o trabalho do Galpão foi respondendo às questões históricas, políticas, estéticas e sociais desse nosso tempo. O teatro popular e de rua do Galpão sempre o conectou profundamente com seu público e sua realidade”, afirma Moreira. “Todos os registros de todos os espetáculos mostram momentos significativos de nossas vidas e também do país e do mundo. Acho que o Galpão soube traduzir e encarnar com muita sinceridade essa luta que é fazer teatro no Brasil.”



Guilherme Muniz





Grupo Munitiz

Em 1986, durante a preparação do espetáculo *Romeu e Julieta*, foram feitos ensaios na Vila Rural de Morro Vermelho, a 60 quilômetros de Belo Horizonte

## MEMÓRIAS EM CENA

*Livro oferece passeio por trabalhos do elenco com outros artistas e diretores convidados*

Ao longo de 16 capítulos, ou atos, as dinâmicas que direcionam o trabalho do Galpão, como a produção colaborativa, são apresentadas ao leitor. Assim, o livro *Grupo Galpão: Tempos de Viver e de Contar*, lançamento das Edições Sesc, apresenta ao leitor momentos de encontros, em cena e nos bastidores, entre o elenco e outros artistas e diretores convidados, em excursões pelo país e pelo exterior. Eduardo Moreira assina a curadoria iconográfica em parceria com a atriz Inês Peixoto, integrante do grupo desde 1992.

A obra conta também com ensaio do crítico Valmir Santos. “Independentemente da pesquisa, da linguagem ou do procedimento criativo, toda obra gestada no Galpão traz, em gradações combinadas ou isoladas, a pregnância barroca de

cores, sonoridades, volumes e outras emanções corporais, sensoriais, imagéticas, musicais e verbais. Mesmo o mais formalista dos espaços cênicos vazados é imbuído dessa aura única”, reflete Santos, em trecho da análise.

A edição bilíngue reúne 265 imagens dessa trajetória. Cada ato também está ligado a uma fase do grupo. O capítulo 3, por exemplo, intitulado “A explosão barroca do teatro (1992-1996)”, abarca o período em que o Galpão ganhou projeção nacional e azealhou prêmios com as peças *Romeu e Julieta* e *A Rua da Amargura*.

A linha do tempo dos espetáculos é encerrada com “O teatro político (2016-2018)”, quando a companhia realizou as temporadas de *Nós e Outros*, ambas sob a direção de Marcio Abreu. A publicação tem ainda uma seleção de excertos de críticas jornalísticas publicadas à época de cada montagem.





Eduardo Moreira e  
Fernanda Vianna,  
em cena de  
*Romeu e Julieta*,  
na Praça do Papa,  
Belo Horizonte

Guto Muniz





Wanda Fernandes,  
Beto Franco,  
Eduardo Moreira  
e Rodolfo Vaz em  
*Álbum de Família*

Guto Muniz





Guto Mantz

Rodolfo Vaz, Antônio Edson e Inês Peixoto em cena de *Um Molière Imaginário*



Guto Mantz

Júlio Maciel em  
cena de  
*Um Molière  
Imaginário*





Guto Mantz

Beto Franco e Inês Peixoto em cena de *Um Trem Chamado Desejo*



Guto Mantz

Antônio Edson em  
cena de *Um Trem  
Chamado Desejo*





Elenco em ensaio  
de *O Inspetor Geral*

Guto Muniz



Renato Mangolin

Paulo André, Arlindo de Barros e Simone Ordones em cena de *Pequenos Milagres*



Clarissa Lambert

Inês Peixoto e Júlio Maciel em cena de *Pequenos Milagres*



Júlio Maciel e  
Paulo André em  
*Pequenos Milagres*



Renato Mangalini

Júlio Maciel, Antônio Edson, Paulo André e Chico Pelúcio em *Pequenos Milagres*



Adalberto Lima





Adalberto Lima

Inês Peixoto em *Till, a Saga de um Herói Tonto*



Mercuri Jr.

Teuda Bara e Beto Franco em cena de *Till*



Blanca Aun

Inês Peixoto, Lydia Del Picchia, Simone Ordones, Júlio Maciel e Chico Pelúcio em cena de *Eclipse*



Blanca Aun

Simone Ordones e Júlio Maciel em *Eclipse*





Thiago Custodi

Inês Peixoto e Simone  
Ordones em *Os Gigantes  
da Montanha*









Simone Ordones em  
*Os Gigantes da Montanha*

Guto Muziz



Clarissa Lambert

Fernanda Vianna em cena de *Outros*



Guto Muniz

Teuda Bara e Eduardo Moreira em cena de *Nós*





Eugênio Sávio

Teuda Bara  
em *Queremos  
Praia*, Praça 7,  
Belo Horizonte







Carlos Macedo

Programa Mesa Brasil entrega doações em Heliópolis: 8,2 mil toneladas de alimentos já foram doados para famílias em situação de vulnerabilidade no estado de São Paulo, de março de 2020 a abril de 2021





UNTE-SE A NÓS NO  
COMBATE À FOME  
E AO DESPERDÍCIO

MESA  
BRASIL

SESC  
SÃO PAULO

(11) 3340 2095

# Fome pede AÇÃO

INICIATIVAS SOCIAIS MULTIPLICAM-SE E SE  
FORTALECEM PARA LEVAR ALIMENTO À MESA  
DE MILHÕES DE FAMÍLIAS BRASILEIRAS



No começo da pandemia, uma sirene ecoou. Diversas instituições e especialistas, entre eles o ex-diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) José Graziano da Silva (leia matéria Juntos contra a fome, na [Revista E nº 285, de julho de 2020](#)), alertaram e mesmo assim um quadro trágico se concretizou. Hoje 19 milhões de brasileiros passam fome e mais da metade dos lares brasileiros (55,2%), o correspondente a 116,8 milhões de pessoas, convivem com algum grau de insegurança alimentar, segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan). Esse é o resultado de um levantamento feito em dezembro de 2020 nas cinco regiões brasileiras, abrangendo tanto áreas rurais como urbanas, e divulgado em abril deste ano.

Apesar da biodiversidade do Brasil (leia Entrevista com o cientista Carlos Nobre nesta edição), a falta do que comer é um enorme desafio para o país há muito tempo e está diretamente ligada à desigualdade, à dificuldade de acesso à educação, ao trabalho, à renda, entre outros problemas sociais intensificados pela pandemia. Diante dessa triste realidade, diversas iniciativas partiram da sociedade e foram impulsionadas por organizações, movimentos e até mesmo pequenos coletivos, a fim de levar alimento ao prato das camadas mais vulneráveis da população.

## NÃO É DE HOJE

Segundo a coordenadora do Observatório de Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional da Universidade de Brasília (UnB), Elisabetta Recine, a fome sempre foi uma motivadora da organização social. “A gente tem desde as ligas camponesas na luta pela reforma agrária, pelo acesso à terra, pelo direito a produzir alimentos, até mais recentemente todo o processo de democratização do Brasil, que teve entre suas grandes agendas a questão da alimentação. Então, temos uma história de luta pelo direito à alimentação que acompanha o país”, explicou no Sesc Ideias *O Combate à Fome no Brasil*, disponível [no canal do YouTube do Sesc São Paulo](#).

Membro da Coalizão Negra por Direitos, que realiza a campanha *Tem Gente com Fome* (leia boxe *Mobilização Coletiva*), o professor de História



Marcelo Verriano

Doação de alimentos não perecíveis no Sesc Pompeia para a campanha *Ação Urgente contra a Fome*, uma iniciativa integrada ao programa Mesa Brasil Sesc São Paulo

Douglas Belchior também participou desse Sesc Ideias, em que falou sobre essa iniciativa de amplitude nacional. “A campanha [cujo nome faz referência à poesia homônima do artista pernambucano Solano Trindade (1908-1974)] organizou um mapa feito por grupos que atuam nas periferias, favelas, quilombos, ribeirinhos do país inteiro, desde o Acre até o Rio Grande do Sul. Uma rede que compõe a Coalizão Negra por Direitos, com mais de 200 grupos, desde os movimentos negros tradicionais, até coletivos de juventude do país inteiro”, disse.

Esse mapeamento identificou 222.895 famílias a serem apoiadas em todo o território nacional. Uma



**Ação urgente  
contra a fome.  
Faça sua doação.**

**Doe alimentos  
não perecíveis aqui.**

**Sesc 75 ANOS**



Cestas básicas entregues em Ribeirão Preto: centrais de abastecimento, distribuidoras, supermercados, atacadistas, padarias e outros negócios do segmento alimentício são parceiras do Mesa Brasil Sesc São Paulo no combate à fome

Sté Frateschi

campanha que, segundo Douglas Belchior, tem outra dinâmica e importância por ser feita por quem luta diariamente para ter o que comer. “A gente nunca deixou de conviver com a fome. E a história da fome precisa ser contada. Ela tem origem e há políticas, procedimentos e movimentos sociais que a reafirmam no tempo”, acrescentou.

#### SOLIDARIEDADE NA AGENDA

Ao longo da pandemia, 8 em cada 10 famílias que vivem em favelas em todo Brasil não teriam se alimentado se não tivessem recebido doações, de acordo com informações da Central Única de Favelas (Cufa), organização criada há 20 anos pela união de jovens de várias favelas no país. “No começo da pandemia, percebemos que houve uma mobilização social muito grande para ajudar. Empresas e pessoas físicas doaram para o *Mães da Favela*, mas conforme o tempo foi passando sentimos

que o volume caiu”, disse Preto Zezé, presidente nacional da Cufa.

Tendo em vista essa queda, a Central Única de Favelas, a organização social Gerando Falcões e a Frente Nacional Antirracista — com o apoio do União SP e cooperação da Unesco — criaram o *Movimento Panela Cheia*, em abril deste ano. Até o momento, essa ação já arrecadou mais de 76 milhões de reais a serem revertidos em alimentos para favelas de todo país. E os esforços não devem parar.

“É preciso de mais ajuda, que mais empresas se mobilizem, que mais grupos se articulem com as redes da Cufa nos estados. Estamos falando mais do que apenas doação de alimento, estamos falando de engajamento da sociedade, no sentido de construir um amplo movimento capaz de fazer da solidariedade mais que um evento. É fazer da solidariedade um movimento mais contagioso e mais forte que o próprio vírus”, reforçou o presidente nacional da Cufa. ■



# Mobilização coletiva

DIFERENTES AÇÕES CONVOCAM A POPULAÇÃO EM REDES SOCIAIS E OUTRAS PLATAFORMAS VIRTUAIS

O desejo de ajudar pessoas na pandemia foi confirmado por uma pesquisa realizada pelo Datafolha em 2020. O levantamento apontou que 96% dos brasileiros querem ser mais solidários. Desse total, 68% agem por conta própria e realizam ações pontuais por falta de conhecimento de mobilizações coletivas, e apenas 27% se envolvem em ações coletivas. Por isso, várias iniciativas sociais compõem, na internet, um diversificado painel de campanhas contra a fome, indo ao encontro de diferentes públicos. Escolha a sua:



Cota | Divulgação

## Movimento Panela Cheia

Diante da situação de calamidade, a Central Única de Favelas (Cufo), a Gerando Falcões e a Frente Nacional Antirracista, com o apoio do União SP e cooperação da Unesco, criaram o Movimento Panela Cheia. O movimento busca arrecadar recursos para a compra de cestas básicas para pessoas em situação de vulnerabilidade. Para doações físicas, é necessário entrar em contato diretamente com os representantes locais das instituições parceiras. Saiba mais: [www.panelacheiasalva.com.br](http://www.panelacheiasalva.com.br).



## Tem gente com fome

Para fazer a contingência da pior crise humanitária dos últimos tempos no Brasil, a Coalizão Negra Por Direitos, em parceria com a Anistia Internacional, Oxfam Brasil, Redes da Maré, Ação Brasileira de Combate às Desigualdades, 342 Artes, Nossas – Rede de Ativismo, Instituto Ethos, Orgânico Solidário, Grupo Prerrogativas e Fundo Brasil, realiza uma campanha de financiamento coletivo para arrecadar fundos para ações emergenciais de enfrentamento à fome, à miséria e à violência na pandemia de Covid-19. Serão atendidas 222.895 famílias mapeadas por organizações sociais que atuam em bairros, favelas e quilombos nas 27 unidades federativas, sendo 26 estados e Distrito Federal. Saiba mais: [www.temgentecomfome.com.br](http://www.temgentecomfome.com.br).

SE TEM GENTE  
COM FOME,  
**DÁ DE  
COMER!**



Daniel Pinheiro

### Tonkiri

Formado, em sua maioria, por mulheres, empreendedoras, mães e donas de casa, o grupo leva alimento e afeto a pessoas vulneráveis na pandemia. Por semana são doadas cerca de 500 marmitas para pessoas que habitam as ruas, comunidades e ocupações da cidade de São Paulo. A iniciativa é um pilar do instituto A Nossa Jornada e já atendeu as comunidades Linha Nova Jaguaré, Cingapura-Ceagesp, Diogo Pires, Zé do Boi, Rio Grande da Serra e Boqueirão. Saiba como doar: [www.instagram.com/tonkiri\\_voa](http://www.instagram.com/tonkiri_voa).



### Brasil sem Fome

Fundada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, a Ação da Cidadania nasceu em 1993, formando uma imensa rede de mobilização de alcance nacional que se dedica a dar apoio às famílias brasileiras abaixo da linha da pobreza.

Por causa da crise sanitária, a ONG lançou a campanha *Brasil sem Fome*, que no ano passado arrecadou mais de 10 mil toneladas de alimentos para mais de 4 milhões de brasileiros. Saiba mais: [acaodacidadania.org.br](http://acaodacidadania.org.br).

**BRASIL  
SEM FOME**



### Solidariedade Vegan

Iniciativa da empresária Vivi Torrico e do marido e músico João Gordo, da banda Ratos do Porão, a Solidariedade Vegan distribui marmitas veganas a partir de doações que recebe numa campanha de financiamento coletivo online. A ação conta com o apoio dos carroceiros do projeto Pimp My Carroça, que levam as quentinhas a diversos endereços, como o Centro de Referência e Defesa da Diversidade (CRD), que atende a população LGBTQIA+ em situação de extrema vulnerabilidade. Saiba como ajudar: [www.instagram.com/solidariedadevegan](http://www.instagram.com/solidariedadevegan).



Divulgação

### Lute como quem cuida – Cozinha Ocupação 9 de Julho

Resultado da parceria entre o Movimento Sem Terra e o Movimento Sem Teto do Centro de São Paulo, essa ação promove a entrega de marmitas a pessoas em situação de vulnerabilidade. A cada compra de uma *Quentinha de Domingo*, uma refeição é doada. Saiba mais: [www.instagram.com/lutecomoquemcuida](http://www.instagram.com/lutecomoquemcuida).







Kazuo Kajihara

Doações de alimentos não perecíveis no Sesc Belenzinho para a campanha *Ação Urgente contra a Fome* do Mesa Brasil Sesc São Paulo: mais de 40 pontos de coleta nas unidades do Sesc no estado de São Paulo

## Somar forças

PROGRAMA CRIADO PELO SESC SÃO PAULO AGREGA A PARTICIPAÇÃO DE CIDADÃOS EM CAMPANHA PARA ARRECADAR ALIMENTOS NÃO PERECÍVEIS

Integrada ao programa Mesa Brasil Sesc São Paulo, que há 26 anos une empresas doadoras e instituições sociais cadastradas, contribuindo para a redução da condição de insegurança alimentar de crianças, jovens, adultos e idosos e a diminuição do desperdício de alimentos, outra iniciativa inédita soma forças. Tendo em vista o atual contexto de aumento exponencial da fome, o Sesc convida a sociedade como um todo a participar da campanha *Ação Urgente contra a Fome*.

O objetivo é arrecadar alimentos não perecíveis e que não requerem refrigeração, essenciais para uma alimentação adequada e saudável de uma família. Os mantimentos podem ser entregues nas unidades do Sesc São Paulo e serão doados às instituições sociais cadastradas no programa Mesa Brasil Sesc São Paulo, que repassam os itens às famílias assistidas. São contempladas todas as camadas da sociedade que atualmente vivem em situação de vulnerabilidade social nos municípios onde o Sesc está presente e no entorno de cada região.

“Existe muita gente ávida por ajudar, mas que reluta em saber exatamente qual seria a melhor forma de efetivar sua colaboração. Nesse sentido, a reputação que o Sesc angariou ao longo de anos de comprometimento, acrescida da experiência de 26 anos do programa Mesa Brasil, pode ser um fator que auxilie na tomada de decisão consciente, tendo por objetivo a ajuda ao próximo”, explica Danilo Miranda, diretor do Sesc São Paulo.

### COMO AJUDAR?

Podem ser doados alimentos não perecíveis como: arroz, feijão, leite em pó, óleo, fubá, sardinha em lata, macarrão, molho de tomate, farinha de milho e farinha de mandioca. As doações podem ser feitas no horário de funcionamento das unidades do Sesc: são mais de 40 pontos de coleta em todo o estado. Para isso, foi criado um protocolo específico de atendimento para que os pedestres possam deixar suas doações com segurança, respeitando as recomendações sanitárias. Algumas unidades também contam com o sistema *drive-thru* de coleta. Apenas para a campanha *Ação Urgente contra a Fome*, aqueles que queiram deixar sua doação não precisam fazer agendamento prévio.

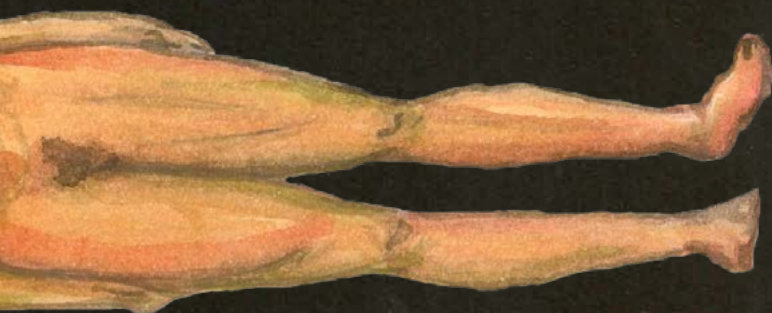
Confira mais informações: [www.secsp.org.br/doemesabrasil](http://www.secsp.org.br/doemesabrasil) / [www.secsp.org.br/mesabrasil](http://www.secsp.org.br/mesabrasil)

MESA BRASIL COLETOU, SELECIONOU, TRANSPORTOU E DISTRIBUIU ENTRE FAMÍLIAS EM VULNERABILIDADE, INCLUINDO COMUNIDADES INDÍGENAS E REFUGIADOS NO ESTADO DE SÃO PAULO:

**8,2** MIL TONELADAS DE ALIMENTOS  
**520** TONELADAS DE PRODUTOS DE HIGIENE E LIMPEZA  
**73.400** CESTAS DE ALIMENTOS

Fonte: Mesa Brasil Sesc São Paulo - de março de 2020 a abril de 2021

Lançamento  
SELO SESC



## O RIO

poema de  
João Cabral de Melo Neto

canção de  
Helô Ribeiro

participação especial  
Barbatuques



disponível nas plataformas

Sesc  
digital



selo  
Sesc

Visite a loja virtual e  
conheça o catálogo completo  
[sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)

    /selosesc







# O Papel das Revistas Literárias

No meio do caminho tinha uma pedra, e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) conseguiu demovê-la ao tratar da inevitável existência de obstáculos no poema *No Meio do Caminho*. Versos que ganharam o conhecimento do público a partir de sua publicação, em 1928, na antológica *Revista de Antropofagia*. A mesma em que o modernista Oswald de Andrade publicou, naquele ano, o *Manifesto Antropófago*. “As revistas literárias são base importante para a criação literária de um país. São nelas que, historicamente, os textos mais radicais são publicados pela primeira vez. Nelas que os principais embates e debates se formam e ganham corpo, seja iluminando inovações e criações literárias, seja confrontando e repensando a tradição”, explica o escritor e editor Pedro Spigolon (revista *Intempestiva*), que, juntamente com o editor Fabiano Calixto (revista *Meteoro*), fez a curadoria do [projeto Revistaria, encontro virtual de revistas literárias brasileiras realizado pelo Sesc Ipiranga](#) entre os meses de fevereiro e abril. Espaço de reflexão sobre a produção literária de um tempo, esse segmento editorial segue vivo, manifestando-se em edições digitais ou em papel, caso da revista *Olympio*, cujo primeiro número foi impresso em 2018. “Queríamos uma revista literária que pudesse ser encontrada nas livrarias locais e nacionais, com um perfil variado e transversal, e funcionasse como um ato de resistência às polarizações dogmáticas. Sentíamos a necessidade de outras trilhas de debate e reflexão sobre literatura, artes e cultura, que não se circunscrevessem necessariamente ao espaço virtual”, explica a escritora e editora Maria Esther Maciel, ao tratar da publicação, que também fez parte do projeto *Revistaria*. Sobre a atual cena brasileira, a importância e resistência dessas publicações, Spigolon e Maciel traçam suas reflexões neste *Em Pauta*.



# Revistas literárias: invenção poética ontem e hoje

PEDRO SPIGOLON

As revistas literárias são base importante para a criação literária de um país. São nelas que, historicamente, os textos mais radicais são publicados pela primeira vez. Nelas que os principais embates e debates se formam e ganham corpo, seja iluminando inovações e criações literárias, seja confrontando e repensando a tradição. Funcionam também como um espaço privilegiado para a circulação, abrindo espaço para novos escritores e para textos experimentais, que dificilmente teriam guarida no mercado editorial. Se um país possui boas e diversas revistas literárias, sua literatura possui vida e saúde. No Brasil, felizmente, há uma rica e intensa tradição na publicação de revistas, e aproveitando a efeméride do centenário do modernismo, comecemos por aí um breve percurso histórico.

## MANIFESTO ANTROPÓFAGO

O modernismo brasileiro, que teve seu marco inaugural na Semana de 22, foi um movimento nacional (e internacional) de ruptura e criação que lançou os caminhos para toda a produção artística e literária brasileira do século 20. Na chamada primeira fase, que se estendeu até o ano de 1930, diversas revistas literárias surgiram, como: *Klaxon* (1922), *Estética* (1924), *A Revista* (1925), *Terra Roxa e Outras Terras* (1927), *Verde* (1927) e *Revista de Antropofagia* (1928).

Servindo como uma espécie de porta-voz do movimento e fazendo circular as ideias e propostas modernistas, a *Klaxon* foi, sem dúvida, uma das mais relevantes revistas literárias do período. Além da sede em São Paulo, possuía representação no Rio de Janeiro e no Recife, e também na França, Suíça e Bélgica, criando uma imensa rede de diálogo, produção e circulação das ideias modernistas.

Outra publicação importante da época foi a *Revista de Antropofagia*. Nela foi publicado um dos mais relevantes manifestos estéticos e políticos, o *Manifesto Antropófago*. De autoria de Oswald de Andrade, com

escrita irreverente e rebelde, a proposta de antropofagia deu o tom e influenciou toda a produção literária do século 20. Foi nela também que importantes autores brasileiros estrearam, e podemos citar a emblemática publicação do poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, que causou grande alvoroço à época. Com uma grande circulação, uma vez que a revista era publicada junto do jornal *Diário Popular*, as ideias modernistas se espalharam por todo o país, influenciando e ganhando adeptos em diversos estados fora do eixo Rio-São Paulo.

## MANIFESTO CONCRETISTA

Nessa mesma esteira, os anos 1950 e 1960 foram marcados pelas publicações das revistas concretistas. A primeira delas, *Noigandres* (1952-1962), grosso modo, serviu como espécie de laboratório das concepções concretistas, com as principais ideias do grupo (cujo núcleo era formado por Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari) sendo construídas a cada número.

Foi na edição de número 4 da revista que se deu a publicação do manifesto concretista intitulado *Plano Piloto para a Arte Concreta*. Nele fica explícito o experimentalismo radical do movimento, dando por encerrado o ciclo histórico do verso e propondo uma poética que fosse também verbal e visual, saltando da página, ganhando corpo e estreitando relações com a música e o audiovisual.

Na revista *Invenção* (1962-1967), a segunda publicação do grupo, as ideias radicais e vanguardistas são mantidas e ampliadas. A famosa frase de Décio Pignatari sintetiza o tom da revista: “Na geleia geral brasileira, alguém tem que fazer as funções de medula e de osso”. *Invenção* foi responsável pela publicação de importantes textos e manifestos que provocaram rupturas e inovações no campo das artes visuais, poesia e música, como o *Manifesto de Música Experimental do Brasil*, de Rogério Duprat e Gilberto Mendes, entre diversos outros.



Editoria de Arte

## PROFUSÃO DE VOZES

Já nas décadas de 1970 e 1980, houve uma grande proliferação das revistas literárias, ultrapassando as centenas de títulos. Conhecidas como “imprensa nanica”, essas publicações possuíam, em geral, pequenas tiragens, mas que circulavam de mão em mão, dando a conhecer a intensa e vibrante produção literária da época. Sua importância era tamanha que Paulo Leminski chegou a dizer que “os maiores poetas dos anos 1970 não eram gente, mas sim revistas”.

Desse período, a *Navilouca* (1974), de apenas um número, se tornou uma publicação emblemática, justamente por seu caráter subversivo e controverso, em consonância com as aspirações políticas do país, que atravessava uma ditadura militar que impunha censura prévia, bem como perseguição e tortura a opositores.

Com o arrefecimento da ideia de vanguarda e o processo de redemocratização, em 1985, há uma crescente profusão de vozes na sociedade brasileira. Grupos que historicamente foram segregados ou silenciados socialmente começam a disputar e conquistar espaço político e artístico. As revistas literárias fazem parte desse movimento, e podemos notar, em suas diversas edições, não mais certo dirigismo estético, mas sim uma grande pluralidade de vozes: do cânone ao estreante, da arte consagrada à literatura periférica, passando também pelo rap, pela descentralização regional e por traduções de autores inéditos no país, enriquecendo a fortuna crítica e criando um espaço mais democrático de produção e circulação literária. Desse período, podemos citar duas importantes revistas: a *Inimigo Rumor* (1997-2003) e a *Coyote* (2002).

SE UM PAÍS  
POSSUI BOAS E  
DIVERSAS REVISTAS  
LITERÁRIAS, SUA  
LITERATURA POSSUI  
VIDA E SAÚDE

É também nesse momento que acontece outra grande virada. Com o advento da internet, começam a surgir as revistas digitais. Devido à redução dos custos (uma vez que não era mais necessária a impressão das revistas, responsável por abocanhar grande parte do orçamento) e à possibilidade de criação de uma ampla rede, com grande alcance, as revistas se proliferaram e se tornaram um importante meio de circulação da intensa produção literária brasileira.

A revista *Cronópios* foi, com certeza, a primeira grande expressão desse momento digital, criando um canal para democratização do acesso e da publicação literária. Muitas outras vieram em seguida, e hoje temos, em atividade, a *Mallarmargens*, *Acrobata*, *Escamandro*, *Germina*, *Agulha*, para citar algumas dentre as inúmeras existentes. Essas revistas, espalhadas por todo o país e conectadas à rede, criam diariamente um grande acervo gratuito e de alta qualidade da invenção literária do nosso país e do mundo.

E para os que apreciam o papel e as artes gráficas, há interessantes revistas impressas em atividade hoje, desde as independentes, como a *Intempestiva*, *Meteoro*, *Uso*, *Organismo*, *Olympio*, até as institucionais, como a *Serrote* ou o *Suplemento Pernambuco*. Os leitores, ao folhearem ou navegarem por todas essas revistas, se surpreenderão com a intensidade, diversidade e inventividade da literatura contemporânea. ■

**PEDRO SPIGOLON**, poeta, editor da revista *Intempestiva*, curador do projeto *Revistaria*, encontro de revistas literárias realizado pelo Sesc Ipiranga entre os meses de fevereiro e abril de 2021. Saiba mais: [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br).



# Ato de resistência às polarizações

MARIA ESTHER MACIEL

As revistas literárias sempre incidiram, por diferentes vias criativas, no fluxo da literatura, das artes e de outras manifestações culturais do nosso país. Se, em alguns momentos, estiveram vinculadas a movimentos literários e se tornaram inseparáveis dos grupos de diferentes tendências, elas nunca deixaram de dizer muito sobre as gerações de escritores, artistas e pensadores que compuseram o cenário da literatura brasileira a partir do século 19, alcançando seu ponto de fulgor na primeira metade do século 20, graças ao modernismo e às vanguardas.

Em Minas Gerais, elas proliferaram com muito vigor nessa época (na primeira metade do século 20) e nas subsequentes, interferindo, de forma contundente, na esfera cultural mineira. *A Revista*, criada por Carlos Drummond de Andrade, e a *Leite Criolo* surgiram nos anos 1920, às quais se seguiram várias outras, como *Edifício*, fundada em 1946, a *Tendência*, vinculada ao concretismo mineiro, e a *Estória*, nos anos 1960.

Em 1966, Murilo Rubião fundou o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, que continua até hoje. A partir de então, foi um fervilhar de revistas, independentes ou não, que aos poucos foram se extinguindo, mas sem desaparecerem de vez. Entre elas, destaca-se a *Palavra*, criada por Ziraldo em 1999 e editada pelo jornalista José Eduardo Gonçalves.

## PONTO DE INTERSEÇÃO

Aliás, foi a partir de conversas com José Eduardo, Maurício Meirelles (arquiteto) e o designer Julio Abreu, todos escritores, que propus a criação da revista *Olympio – literatura e arte*, em 2018 – ano bastante desalentador para o Brasil. Optamos por uma publicação impressa, na contramão (mas não em confronto com elas, claro) das ótimas revistas eletrônicas que já existiam no Brasil e em Minas.

Queríamos uma revista literária que pudesse ser encontrada nas livrarias locais e nacionais, com um

perfil variado e transversal, que funcionasse como um ato de resistência às polarizações dogmáticas, à mediocridade e à intolerância que foram impostas ao nosso país. Sentíamos a necessidade de outras trilhas de debate e reflexão sobre literatura, artes e cultura, que não se circunscrevessem necessariamente ao espaço virtual.

*Não há o que não haja* foi o lema escolhido para a revista. É uma frase que torna tudo possível, mesmo o impossível. E nos passa a ideia de que, em meio à distopia do presente, uma certa utopia seja necessária para não nos intoxicarmos da realidade sufocante. Assim, definimos as diretrizes do primeiro número, com ênfase nos princípios da multiplicidade e da transversalidade, colocando a literatura como ponto de interseção entre outras artes e outros campos do saber, numa abertura a diferentes vozes, gerações, nacionalidades, gêneros e etnias.

## VOZES LITERÁRIAS

O primeiro número saiu em 2018, de forma totalmente independente e autofinanciada. A ênfase foi dada à produção ficcional, poética e ensaística contemporânea, por meio de perfis e entrevistas, relatos de viagem, tradução de artigos e textos literários, além de ensaios visuais e fotográficos de artistas mineiros. Convidamos colaboradores de diferentes gerações, estilos e nacionalidades, com preferência por aqueles que transitam em variados espaços de criação e reflexão. Procuramos também homenagear/resgatar autores esquecidos ou ainda pouco conhecidos, revelar novas vozes literárias, mostrar trabalhos inéditos de autores já consagrados, enfim, compor uma constelação de nomes e textos em sintonia com as demandas do nosso tempo.

Nesse primeiro número estão, por exemplo, a fotógrafa inglesa radicada no Brasil, Maureen Bisilliat, que encontrou no universo literário brasileiro matéria-prima para o seu trabalho fotográfico; o



crítico e escritor Silviano Santiago, que articula ficção, história, reflexão política e memória pessoal; o Nobel sul-africano J. M. Coetzee, que mistura os limites do conto, do ensaio e da reflexão filosófica num texto magistral (e, até então, inédito no Brasil); além de escritores e artistas iniciantes, ao lado de outros já em evidência.

### RESISTIR AO INCERTO

O segundo número só foi viabilizado em fins de 2019, graças à parceria firmada entre a Tlön Edições e a editora Miguilim – que também passou a cuidar da distribuição, antes a cargo da editora Autêntica. Com um novo projeto visual proposto pela equipe de design do Estúdio Guayabo, a revista foi reconfigurada em um formato mais ousado e arrojado, sem perder os princípios editoriais que nortearam a edição anterior. Esta, por sua vez, sob nova roupagem, foi relançada junto com o segundo número, em janeiro de 2020, ou seja, pouco antes do início da pandemia.

Buscamos trazer para esse segundo número reflexões, depoimentos, imagens, criações poéticas e ficcionais que se oferecessem como contrapontos a esse cenário. Tanto que o “personagem” principal da edição foi o líder indígena Ailton Krenak, com suas ideias instigantes sobre como “adiar o fim do mundo”, sua sensibilidade social e ecológica, seu olhar crítico sobre tudo o que se passa no planeta Terra. Um perfil de Zé Celso Martinez, assinado por Ignácio de Loyola Brandão, também foi incluído, além de textos inéditos de autores nacionais e estrangeiros.

Infelizmente, a distribuição foi comprometida pela pandemia, e o futuro da revista ainda está incerto. Talvez seja o caso de, por enquanto, nos valermos dos recursos digitais, mas não vamos desistir. A ideia é que o terceiro número seja online e, quando a peste passar e o mundo parar de acabar, possamos retomar a versão impressa e mantê-la junto com a virtual.

Para citar aqui um trecho do editorial do número 2, precisamos continuar a pensar com liberdade, certos de que “a imaginação pode nos levar bem além da curva abrupta onde termina a terra plana e deságuam as águas rasas”, pois o diálogo, o exercício criativo e o pensamento crítico podem nos ajudar “a encontrar respostas para um mundo em desalinho”.

Assim, em consonância com outras revistas impressas e virtuais em circulação no país, as quais têm contribuído bastante para a difusão da literatura e a formação de leitores em diversos espaços sociais, a revista *Olympio* também tenta sobreviver em meio às grandes e pequenas violências da realidade. Isso, num momento particularmente complicado para o mercado editorial, para as pequenas e grandes livrarias, as bibliotecas e instituições culturais, as agências de fomento, as universidades, os coletivos culturais e a própria vida da população brasileira. ■

**MARIA ESTHER MACIEL** é escritora, crítica literária e professora de Literatura Comparada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e editora da revista *Olympio*. Já publicou 14 livros, entre eles, *Literatura e Animalidade* (Civilização Brasileira, 2015) e *O Livro dos Nomes* (Companhia das Letras, 2008).

AS REVISTAS LITERÁRIAS SEMPRE INCIDIRAM, POR DIFERENTES  
VIAS CRIATIVAS, NO FLUXO DA LITERATURA, DAS ARTES E  
DE OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO NOSSO PAÍS



Roberto Setton



# Arriscar é preciso

CANTORA E COMPOSITORA CELEBRA QUATRO DÉCADAS

DEDICADAS À AVENTURA DE VIVER A MÚSICA

**M**aratonista nas horas vagas, a cantora e compositora Zélia Duncan não perde o fôlego diante dos obstáculos do isolamento social. A artista festeja 40 anos de carreira e ainda lança um novo álbum, *Pelespírito* (2021), fruto de um encontro musical com o poeta e produtor pernambucano Juliano Holanda, com quem compôs todas as faixas durante a pandemia. “Gravei eu mesma 15 vezes de 15 músicas novas nesse período. Então, para mim está sendo produtivo, mas ao mesmo tempo superangustiante”, desabafa. Inquieta e curiosa, Zélia não ficou presa à imagem de “cantora pop” ou de quaisquer outros gêneros musicais. Pelo contrário. Ela mergulha com a mesma intimidade na poesia de Itamar Assumpção, de Luiz Tatit, de grandes compositores do samba e até mesmo nas ondas do rock psicodélico dos Mutantes. Ativa nas redes sociais, seja em bate-papos que ela realiza no próprio perfil, seja nas lives na qual apresenta repertórios afetivos, como em sua participação no [#SescAoVivo](#) no canal do YouTube do Sesc São Paulo, Zélia concluiu na pandemia um curso de teatro na Casa das Artes das Laranjeiras. Ninguém consegue parar Zélia, que demonstra aos 56 anos: o segredo da longevidade é ser uma eterna aprendiz.

## AOS MESTRES

Itamar Assumpção é um dos meus maiores ídolos. Eu tive a honra de me aproximar e ficar amiga dele. Ao todo eu já gravei 25 músicas do Itamar. Até um álbum emblemático meu, *Eu Me Transformo em Outras*, onde canto choros, sambas, homenagem a outras cantoras, esse álbum eu abro com uma música do Itamar. Então, ele está sempre na minha vida. Aí uma hora eu parei e me dediquei a fazer um álbum inteiro para ele (*Itamar Assumpção – Tudo Esclarecido*, 2012), isso foi muito natural para mim. Havia músicas inéditas, porque tenho acesso a Anelis, a Alice Ruiz, que me deram músicas inéditas. Eu queria trazer o Itamar para

uma coisa mais popular, porque o Itamar tem, injustamente, essa fama de “maldito”, e a música dele não merece isso. Imagina o que Itamar não enfrentou neste país racista, neste país onde existe toda uma elite cultural, e ele era um artista, além de popular, extremamente genial. Depois veio o Luiz Tatit, veio o *Totatiando* (2014), e os dois foram lançados no Sesc São Paulo. O *Totatiando* foi bem teatral, quando eu quis voltar a fazer coisas teatrais, até porque no começo eu fiz escola de teatro. E o Milton (Nascimento) foi bem diferente, participei de um projeto idealizado pelo André Midani, chamado *Inusitado*, para fazer coisas que você nunca tinha feito – mas eu vivo fazendo coisas que eu nunca fiz. Resolvi homenagear um autor, só que sem instrumento de harmonia; então, eu escolhi o Milton, que está muito na minha formação de garota, e convidei Jaques Morelenbaum. Então, *Invento +* (2017) era um show de *cello* e voz e mais nada, cantando Milton. Essa formação era tão inusitada e

## ZÉLIA DUNCAN

esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 20 de abril de 2021.



perigosa porque cantar melodias que têm a sua sofisticação só com um instrumento que é melódico era um grande desafio para mim. Por isso eu quis fazer.

#### TODAS AS ZÉLIAS

É a mesma Zélia dentro de ambientes diferentes e isso é que é divertido. Claro que cada um (compositor) me puxa para outros lugares e isso é o que me interessa. A primeira ruptura foi *Eu Me Transformo em Outras* (2004). Eu fiquei conhecida como cantora pop, mas sempre era convidada para projetos de samba, que eu amo. E sempre ia com muita naturalidade. Eu apareci como uma cantora pop, mas sou forrada de música brasileira. Do que a minha mãe ouvia em casa, do que o meu pai cantava. Eu perdi meu pai, e minha mãe está aí, canta, os dois tinham boa voz, então esse repertório afetivo era de MPB. Na hora de partir para minhas influências, porque eu ouvia muito Itamar, muito Tatit, não poderia ter feito essas homenagens se elas não estivessem absorvidas no que ouço há muitos anos. Então, o fato de ouvir essas coisas há muitos anos me deu a naturalidade que eu precisava. Para mim é muito normal cantar Itamar e no dia seguinte cantar Milton. Vou com tudo, com o que meu coração escolhe eu vou. Eu virei uma especialista em decepcionar o meu fã. E claro que falo isso brincando. As pessoas que gostam de mim me agradecem porque apresentei para elas o Itamar, porque elas nunca tinham ouvido Luiz Tatit. Eu me arrisco, eu mudo mesmo. O tesão para mim está ligado a me surpreender: eu preciso me sentir fazendo coisas que não me deixem burocrática. O que é mais perigoso: mudar ou não mudar? Pergunto eu a você em relação ao artista.

#### UMA MUTANTE

Das coisas mais perigosas essa aí está quase no topo. Antes de mais nada, assim como todo o Brasil eu queria que fosse a Rita Lee, eu queria ver a Rita ali. Eu nem conhecia os meninos, e esbarrei com o Sérgio Dias num estúdio no Rio de Janeiro quando a gente foi fazer a participação num mesmo disco,

não na mesma faixa. E, poxa, Sérgio Dias, né? A gente começou a conversar e parecíamos amigos de infância. Dois ou três dias depois, eu abro meu e-mail: “O Zélia, aqui é o Sérgio Dias. Quer cantar com os Mutantes em Nova York, Los Angeles e São Francisco?”. Fiquei em pânico porque era muito ousado para mim no sentido que eu sabia que todo mundo queria que fosse a Rita, ele me disse que tinha chamado a Rita e ela estava fazendo outras coisas. Eu, amiga da Rita, liguei para ela, contei e perguntei como era para ela. Ela me disse: “Você vai se divertir com ‘os mano’”. O que eu fui fazer? Fui tentar me divertir com ‘os mano’, eu não sou boba. Sempre me coloquei como uma cúmplice e testemunha, não era uma Mutante de verdade, mas uma cúmplice e tenho muito orgulho dessa passagem.

EU APARECI  
COMO UMA  
CANTORA POP,  
MAS SOU FORRADA  
DE MÚSICA  
BRASILEIRA

#### PROCESSO CRIATIVO

Na minha primeira fase, eu escrevia a letra antes (de criar a melodia). Eu sempre mandei a letra para Christiaan Oyens, maior parceiro dos grandes sucessos da primeira fase, e com outros parceiros era assim também. A partir de um certo momento, começaram a me mandar melodias. Aí, eu comecei a sentir o prazer de botar letra na melodia. Hoje acontece mais assim: eu boto a letra na melodia. E os temas para mim são sempre os temas cotidianos, coisas que causam alguma coisa: indignação, alegria, tristeza, paixão, encantamento, desilusão. Temas humanos, brinco, sublime situações, mas escrever tem um negócio maravilhoso, né? Escrever é sempre muito revelador. Até quando você escreve fingindo que não é você, você faz isso a partir de você, não tem como. De alguma maneira, você está falando de você. A não ser que tenha alguma encomenda, aí eu vou tentar ser você, mas, de novo, a partir de mim.

#### CRIAR NA PANDEMIA

Muito difícil. Passado mais de um ano, estamos com um pouco de experiência em relação a essa dor. Você tira o artista do conceito da vida dele,

que é o encontro. Então, eu e vários colegas, a gente se fala, cada hora um cai, cada hora um se deprime e precisa de uma força. Eu não parei de criar coisas, mas tenho amigos que ficaram completamente bloqueados, grandes compositores que não conseguiram fazer nada. Eu acabei de lançar meu álbum todo feito em isolamento. Gravei eu mesma 15 vozes de 15 músicas novas nesse período. Então, para mim está sendo produtivo, mas ao mesmo tempo superangustiante. Tem dia que acordo muito triste, aí vou para a esteira correr, aí tento me perdoar se naquele dia eu não estou tão criativa quanto eu gostaria, mas eu fiz muitas coisas e ainda estou fazendo muitas coisas, desde escrever, compor, fazer várias lives conversando com pessoas muito diferentes, fazendo meu [#ZoioNoZoio](#), embora isso não seja uma obrigação para mim. Às vezes eu fico um mês sem postar, eu só faço quando eu realmente quero falar alguma coisa, aprendendo a existir num momento em que, como artista, a sensação que a gente tem é que parou de existir.

#### FACETA TEATRAL

Eu quero me provocar, eu quero aprender, eu sou curiosa. Como atriz, eu sou uma menina jovem, fiz poucas coisas. Sempre que me convocam nesse lugar eu vou, já fiz peça, um curta-metragem, me formei em teatro no meio da pandemia, quando mandei meu TCC. Fiz um curso quando era jovem, aos 20 e poucos, na própria CAL, na Casa das Artes das Laranjeiras. Abriam uma turma para gente mais velha, e um monte de ator voltou para a escola, gente conhecida, e a gente fez uma turma superbacana e entregamos o trabalho no meio da pandemia. Acho o teatro uma das coisas mais lindas do mundo. Acho lindo isso de tudo ser possível no teatro. Dentro de mim é um horizonte que não termina. Acho a profissão extremamente generosa e sempre que posso estar perto disso eu estou, como uma aprendiz. ■





# Nova casa



Imagens: reprodução

REFUGIADOS DE DIFERENTES PAÍSES COMPARTILHAM  
HISTÓRIAS E CONQUISTAS AO FAZER DO BRASIL UM LAR

Tudo aquele e aquela que não conhecemos podem ganhar rapidamente o véu do preconceito. E, assim, criamos uma imagem distorcida do outro e perdemos a chance de nos relacionar com quem veio de outro lugar, quem fala outro idioma, quem possui outra cultura. No mês em que se celebra o Dia Mundial dos Refugiados (20/6), ressalta-se a importância de ouvir e aprender com homens, mulheres e crianças que estão fora do seu país de origem devido à violação de direitos humanos, a conflitos armados, ao temor de perseguição por questões de raça, religião, etnia, pertencimento a determinados grupos sociais ou opinião política. Afinal, ouvir em primeira pessoa as vivências de alguém em situação de refúgio é de “extrema importância” no combate à xenofobia, disse Miguel Pachioni, assessor de comunicação da Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para os Refugiados (Acnur), em entrevista à *Revista E* (*leia matéria Únicos e Plurais, da edição nº 290, de dezembro de 2020*). Neste *Depoimento*,

vamos saber um pouco das motivações que levaram Hesouwe Soh Tchao (Togo), Carlos Ernesto Duran Llanos (Peru) e Lara Lopes (Moçambique) a construir no Brasil uma nova morada. Cada uma das narrativas foi colhida remotamente durante o isolamento social pelas equipes das unidades do Sesc Consolação, Sesc Osasco e Sesc Piracicaba, para compor o painel *Histórias de Refúgio e Migração*.

79,5 MILHÕES DE PESSOAS FORAM  
FORÇADAS A SE DESLOCAR DE SEU  
PAÍS DE ORIGEM ATÉ O FINAL DE 2019

Fonte: Agência da Organização das Nações Unidas  
para os Refugiados - Acnur/18 de junho de 2020

## LONGE DO MEDO

📍 **Carlos Ernesto Duran Llanos (Peru)**

“Sou refugiado no Brasil faz 29 anos. Eu nasci em Pomabamba, no Vale de Pomabamba, nos Andes Peruanos. Quando eu tinha 12 anos, eu e minha família fazíamos viagens a Yungay. Naquela época não tinha estradas asfaltadas e nós tínhamos que viajar a cavalo. Quando chegávamos ao Parque Huascarán, patrimônio mundial pela Unesco, nós passávamos a noite à beira do lago Llanganuco, de água azul turquesa, rodeado com montanhas de neve permanente e uma lua cheia.

Quando eu cheguei no Brasil, tivemos que chegar à zona da Estação da Luz e da Cracolândia e, para mim, aquele lugar era um paraíso, porque na minha terra, quando apareceram, os terroristas [*Sendero Luminoso, grupo de guerrilha criado na década de 1960, responsável pela morte de milhares de pessoas*] provocaram medo de morte. E eu fui testemunha da morte de um inocente na minha frente, que foi morto por não participar da luta armada. Olha, éramos muitas pessoas com a claridade da lua cheia, mataram uma pessoa e eu não fiz nada. Por quê? Por medo. Porque eles colocavam todos os mortos na estrada para que as pessoas vissem, colocados como carcaças de animais para que as pessoas tivessem medo. Eu vivi isso. Me obrigaram a colocar nesse morto inocente um cartaz cujo título era: ‘Assim morrem os dedos-duros’. É a mesma coisa do domínio com o medo. Então, tivemos que fugir, eu e minha família, para o Brasil. Obrigado, Brasil, pela oportunidade de conhecer esse país maravilhoso, reconstruir minha vida e a vida das minhas filhas, que hoje já são profissionais.”







## CONTRA O PRECONCEITO

### ● Lara Lopes (Moçambique)

Um dos motivos que ressaltaram a vontade de vir morar no Brasil foi uma novela que assisti na televisão. Essa novela, se não me engano, retratou o primeiro casal de lésbicas no Brasil. E isso chamou muito a minha atenção porque eu vivia num país em que a questão da homossexualidade é um tabu enorme. Não se fala tanto da homossexualidade, da sexualidade. Então, imagine uma mulher se afirmar lésbica num país africano? É uma coisa que, infelizmente, cria diversos tipos de agressões, tanto físicas, quanto psicológicas, e eu passei por tudo isso. Assistir a uma novela que retratava um casal de lésbicas, para mim, foi uma luz no fim do túnel. Imagina você, como é uma filha falar para a mãe, uma filha única falar para a mãe que é lésbica? É bem difícil. Na verdade, a única coisa que eu queria era que ela me respeitasse.

Eu e minha parceira conseguimos ser mães. Estamos juntas há nove anos, desde Moçambique, e

em 2019 eu me formei e a gente começou o processo de inseminação dela. Foi um processo bonito desde a escolha do doador. A gravidez foi muito bonita. Hoje nosso bebê está aqui, tem quatro meses e está grandão. Por incrível que pareça é como se ele fosse uma magia nas nossas vidas. Eu falo que meu filho tem poder e trouxe uma aceitação que a gente nunca imaginou, ele trouxe uma sabedoria e uma luz que eu não esperava. Eu quero dar uma educação para ele diferente daquela que eu tive. Quero que ele conheça minha história desde a raiz, desde a minha base. Acredito que contando a ele a minha história e a história da minha esposa ele vai criar em si uma personalidade forte. Eu quero que ele seja forte e capaz de responder ao preconceito de ter duas mães sem se inferiorizar.”

## CAMINHO DO GUERREIRO

### ► Hesouwe Soh Tchao (Togo)

“ Eu sou (do povo) kabye, da região de Kara. Sou de uma família de seis filhos. Eu tenho cinco irmãs e sou o único homem. Sobre minha infância, posso dizer que eu passei uma infância maravilhosa. Eu gostava de jogar futebol e quando a gente tinha um pouco de tempo a gente ia pescar, caçar no mato, e à noite, quando a gente conseguia ver que os pais estavam dormindo, dava para a gente sair no mato e fazer uma colheita de mel.

Eu saí do meu país porque eu estudei na área de sociologia e na área de recursos humanos, mas o salário era baixo. Então, eu falei: Eu vou sair e estudar outra coisa, tipo a medicina, para poder voltar e ganhar bem. Meu caminho não era chegar no Brasil, era para ir à Bolívia estudar medicina. Só que, quando eu cheguei aqui, uma pessoa de *check in* (do aeroporto) pegou meu passaporte, me falou que com a passagem que eu comprei não dava para ir até a Bolívia. Foi um momento muito difícil para mim porque eu passei cinco dias no aeroporto, e uma noite eu fui chamado para retornar ao meu país. O avião estava pronto para me mandar de volta. Eu passei a noite chorando no aeroporto e falei que saí do meu país para poder estudar. Fiz muito sacrifício para deixar isso passar. Para um africano sair da África é porque a pessoa está carregando um sonho. A pessoa tem um ideal a chegar. De verdade, não foi fácil. Para sair da África e chegar aqui, é um caminho de guerreiro.” ■





# Os trabalhos e os dias

**B**om, começou com o colégio Santa Teresinha do Menino Jesus (ou Santa Teresinha de Lisieux, meu amigo Pedro Paulo Senna Madureira é devoto – quando você vai parar de ensebar e entrar logo no maldito assunto do colégio?).

Estou hesitando porque foi lá que conheci o sofrimento, a primeira dor que doeria a vida inteira e que dói até hoje de forma inexprimível. Não. Nada é inexprimível para mim, escritora, ou não merece ser dito.

Não foi só a questão de ter uma cicatriz no meio da cara que me tornou tão miserável. Entre sete e dez anos – porque este foi o período calamitoso –, ocorreram meus primeiros confrontos com o mundo exterior com resultados dos quais não me orgulho. Mas, se não me orgulho (precisei muito de ajuda, pisei muito na bola), também não me envergonho (tem uns pontos um bocado positivos, umas vitórias importantes), já me perdoei, a mim e aos outros.

Não era só a cicatriz, eu também era gorducha e horrivelmente tímida e quando entrei na escola tardiamente, aos seis anos e meio, minhas colegas já eram al-fa-be-ti-za-das, que merda.

Irmã Maurília – minha primeira professora, jovem lindíssima e totalmente indiferente àquele bando mimado de meninas burguesas – me botou na fila C. Explico. A classe era dividida em fila A, das adiantadas, estudiosas e nerds; fila B, das medianas, esforçadas e espertinhas diversas; e C, das aberrações em geral, demasiado estúpidas ou preguiçosas ou problemáticas ou os três. Eu me sentei aí, me botaram aí: irmã Maurília, ao testar a classe, mandou ler um trecho da cartilha, como eu boiei, ela apenas apontou: fila C!

Consternadas, mamãe e eu decidimos, quer dizer, *ela* decidiu que eu seria A Primeira da Classe Absoluta e Indiscutível e eu – mimada e orgulhosa demais para mofar humilhada na fila C, mas demasiado preguiçosa para abraçar um programa de estudos não-fosse-Dona-Isaura-ter-sido-ferida-nos-brios – não tive escolha senão aceitar a porra do programa espartano que Isaura *nos* impôs (sim, porque ela amargou junto).

Levantar às 6 da manhã, café, trajeto até a escola, aulas, retorno, almoço do meio-dia às 13h; das 13h30 em diante, lições e estudo até 17 horas (quando ela ia preparar o jantar, única hora em que eu tinha chance de brincar); 19h30, jantar, televisão – ainda nos primórdios (1957), uns programas infantis terrivelmente constrangedores, tipo *Cirquinho do Arrelia*, no canal 7; já os adultos assistiam às peças do teledrama *Três Leões*, no canal 5 das Organizações Victor Costa (não era a Globo ainda), os shows musicais com Lana Bittencourt e Leni Eversong no canal 4, TV Tupi, e tudo ao vivo: vivamente capenga, ruim, bagaceira, preto e branco; 21h, cama, dormir e o ciclo se repetia.

Hesíodo deve ter se inspirado em alguém como minha mãe para escrever *Os Trabalhos e Os Dias*: ela era a encarnação viva da ordem e do progresso ao abrir as cortinas de seda estampada implacavelmente às 6 da manhã, chovesse, nevasse ou fizesse sol, pois quem não tem ordem não tem progresso, menina, dizia, repetia milhões de vezes: cruzes!

Outras mães voltam à escola, aprendem novamente com os filhos, curtem essa fase, mas Isaura era demasiado maluca e autoritária, demasiado mandona e histérica e ressentida para dar o braço a torcer – para ela estudar junto significava *rebaixar-se!* – e me vigiava igualzinho à Hidra de Lerna vigiando seu tesouro decoreba. Sempre tomava os pontos com os resultados em punho (lembrando que mamãe nem sequer concluiria o ginásio): outra vez, você pulou este, vamos repassar os afluentes do Amazonas!

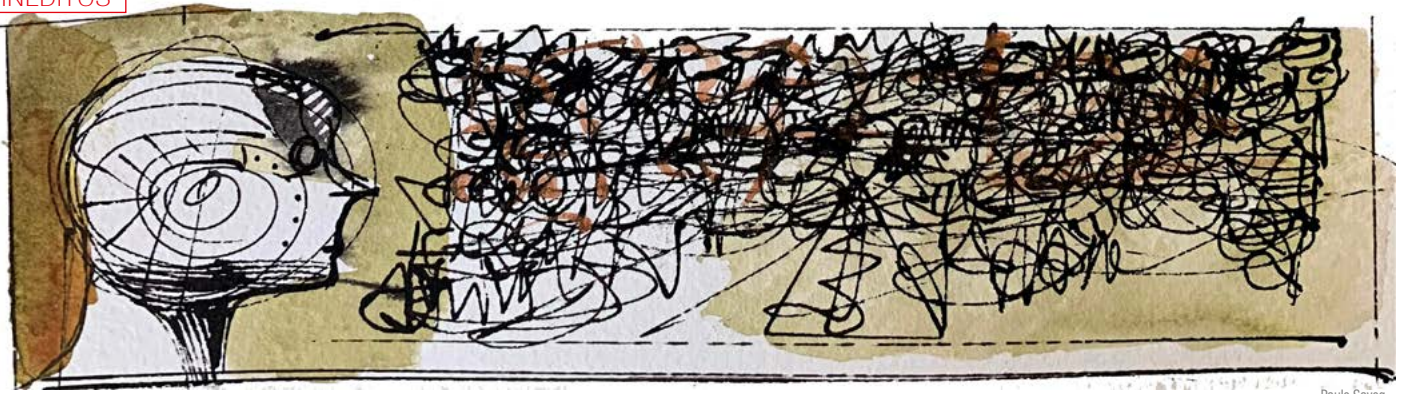
Me fazia DECORAR tudo, história, geografia, catecismo, ciências, saber tudo de cor e salteado, uma vez que só mediante a recitação das lições ela teria meios de CONFERIR no livro o resultado dos *seus* esforços. Para mim aquilo era o exercício da mais abjeta tirania, mas como rebelar-se? Ela era a MÃE, autoridade suprema de todas as garotinhas entre sete e dez anos!

Os resultados? Em dois meses eu passava para a fila B, em três estava na A, identificada como a mais nerd entre as nerds! Passei do primeiro para o segundo ano primário com uma honrosa medalha de prata.





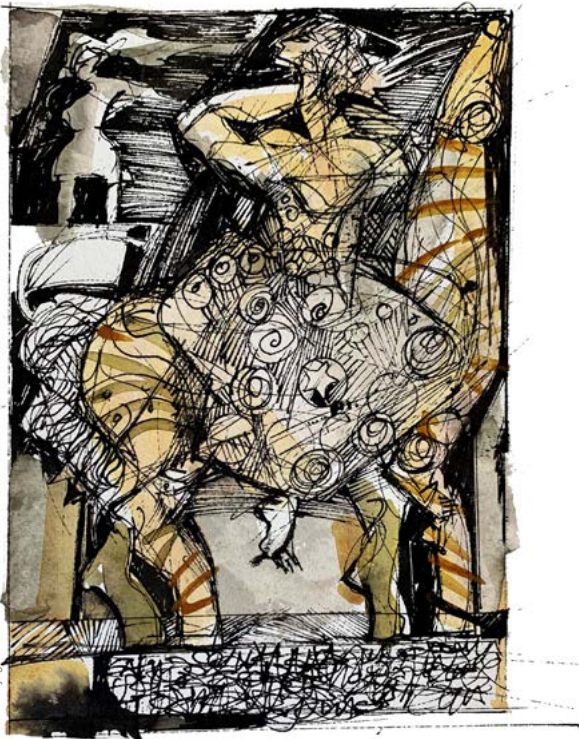




Paulo Sayeg

Nos anos subsequentes as medalhas de ouro se multiplicariam, sem contar o orgulho de meus pais, mas não me tornei uma nerd genuína e por uma razão aparentemente paradoxal: me apaixonei pelos livros aos nove anos, me tornei uma leitora compulsiva de ficção, como já contei no capítulo 1, escritora de novelas policiais aos 11 anos, e mandei as garotas, as matérias do currículo, o colégio e todas as medalhas de ouro do mundo para o diabo! – finalmente abriu a minha janela de esplendor, descobri o único lugar no mundo em que podia ser eu mesma e viver em liberdade: entre as capas de um livro! Mas estou me adiantando.

Entrementes, na escola, as garotas continuavam tornando minha vida miserável: me botavam a língua, davam as costas, ninguém queria ser minha amiga ou brincar comigo no recreio, nem me incluir nos jogos de pegador, queimada, pular corda; os recreios e a maldita paineira florida eram meu calvário, minha via crucis: eu de castigo do mundo.



Paulo Sayeg

Lembro que enganchava sempre em alguma mais boazinha e compassiva (compassiva e boazinha *com todo mundo*, o que não valia muito) gorducha de óculos – eu também passara a usar óculos a partir dos oito anos, 2 graus de miopia detectados por irmã Eugênia, a baixinha dentuça e enrugada como um gato bravo, professora do segundo ano. Mas essas não contavam, até porque eram muito chatas, feiosas, puritanas, chamavam-se Maurícia ou Maurília: a companhia delas não despertava o menor entusiasmo.

Salvo quando era aniversário de alguém: aí todas te rodeavam, cantavam parabéns, você distribuía o bolo que sua mãe fizera especialmente, exibia os presentes: interesseiras!

Salvo dia de prova, quando aí, sim, sentavam-se, aliás, brigavam por um cantinho ao meu lado para que lhes passasse cola (canalhinhas interesseiras!). E eu cedia, feliz. Porque minha fome de amor era tanta que aceitava qualquer esmola, qualquer demonstração de afeto ou reconhecimento, aliás ansiava por eles.

Mas hoje percebo por que essa fase foi tão sofrida: era oprimida *na escola* pelas colegas e *em casa* por minha mãe – antes que eu descobrisse os livros, não havia nenhum momento de felicidade e liberdade! Uma contabilidade negativa terrível para uma criança. Um sofrimento que, em parte, poderia ter sido poupado, caso eu tivesse feito a escola preparatória, mas – quem sabe?

Meus pais quiseram me poupar – e se poupar – do crivo escolar e julgamento mundano ao matricular tardiamente sua filhinha com cicatriz no rosto, retardando, adiando a questão. Se eu estava sofrendo era também o sofrimento deles, a dor deles, a dor e o julgamento de todos nós, do nosso pequeno núcleo familiar solidário e unido nas tristezas e alegrias.

Tê-los perdido pelo caminho – meu pai em 1997, minha mãe em 2011 e Teréca, minha única irmã, em 2013 – eis a dor. ■

**MÁRCIA DENSER** é escritora e jornalista, autora de *Tango Fantasma* (Ateliê, 1977), *Muito Prazer* (Record, 1982), *A Ponte das Estrelas* (Best Seller, 1994), *Toda Prosa II: Obra Escolhida* (Record, 2008), *DesEstórias – Artigos e Crônicas* (Kotter Editorial, 2016), entre outros.

O texto publicado nestas páginas faz parte de *In DesMemórias*, obra que reúne memórias da autora e deve ser publicada em 2022.



# LANÇAMENTO

## **GRUPO GALPÃO** **Tempos de viver e de contar**

**Eduardo Moreira (org.)**

Fundado em 1982 em Belo Horizonte, o grupo Galpão tem suas raízes no teatro popular e de rua. Este livro reúne as fotos dos espetáculos, além de uma seleção de críticas e artigos de jornais e um ensaio de Eduardo Moreira, seu diretor, ator e organizador do livro.



# música para todos

Neste mês, os CDs e DVDs estão com descontos de até 60% na Loja Sesc! Jazz, samba, MPB e muitos outros estilos para quem gosta de música! Acesse [sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

**OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.**

**CREDENCIAL PLENA**

- titular**  
**trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4\*.  
**estagiários do comércio de bens, serviços e turismo** - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**temporários do comércio de bens, serviços e turismo** - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**desempregados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4\*.  
**aposentados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4\*.  
**titular falecido** - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.



- dependentes**  
**cônjuge** - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4\*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*  
**filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos)** - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*  
**filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos)** - documento de identidade, CPF, foto 3x4\* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).  
**pais e padrastos** - documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os padrastos e madrastas, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*  
**avós** - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4\*.

**A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.**

**CREDENCIAL ATIVIDADES**

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.

**\*A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

**ATENÇÃO**

**Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida\*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.**

\*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2021. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse [www.sescsp.org.br/credencialplena](http://www.sescsp.org.br/credencialplena) e saiba mais! As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC**  
**Administração Regional**  
**no Estado de São Paulo**  
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

**CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO**

**Presidente:** Abram Abe Szajman.  
**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda

**Efetivos:**

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

**Suplentes:**

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

**REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Efetivos:**

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

**Suplentes:**

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

**CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO**

**Diretor:** Danilo Santos de Miranda

Adenor Domiense, Adriane da Silva Ribeiro, Alexsandra do Egito Costa, Alin Ribenboim, Ana Emilia de Paula, Ana Paula Cechinel, Andréa Nogueira, Andrea Rodrigues, Beatriz Falasco, Bruna Tibolla, Bruna Daniel, Camila Medeiros, Camila Curaçá, Carina Filter, Carolina da Silveira, Célia Regina Gonzaga, Christi Lafalce, Cinthya Martins, Claudia Garcia, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Tonus, Danilo Cymrot, Danny Abensur, Deleni Mesquita, Denise Mariano da Silva, Diego Lemos, Edson da Cruz, Eduardo Freitas, Elaine Zanarotti, Elaine Marques, Elisângela Pimenta, Eloá de Paula Cipriano, Erica Georgino, Estevão Denis, Felipe Veiga, Fernanda Porta Nova, Fernando Viana, Fernando de Lima, Gabriela Ferreira, Henrique Rubin, Ioná Damiana de Souza, Itamar de Oliveira, Ivan da Hora, Jade Stella Martins, Jan Felipe Balanco, Janaina de Moitinho, José Junior, Jose Mauricio Lima, Josie Fernanda Vieira, Juliana Barbosa, Karla Priscila Carrero, Kelly dos Santos, Lidiane de Jesus, Luciana Gonçalves, Maria Edvânia Santos, Mariana Krauss, Nilo Gomes, Paulo Vilela, Poliana Queiroz, Priscila Gutierrez, Priscila Nunes, Rafael Peixoto, Rani Fuzetto, Raquel Fonseca, Regiane Galante, Regina Machiori, Rejane da Silva, Renan Pereira, Renato Perez de Castro, Renato José Pereira, Rodrigo Eloi, Roseane de Souza, Sabrina Tengan, Sonoe Juliana Ono, Tales Diniz, Tamara Demuner, Thais Cristina Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Vilma Aparecida De Marchi, Viviane Lourenço, Wagner Dini, Walter Frank de Araujo

**REVISTA E**

**Coordenação Geral:** Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Márcia Scapatício e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

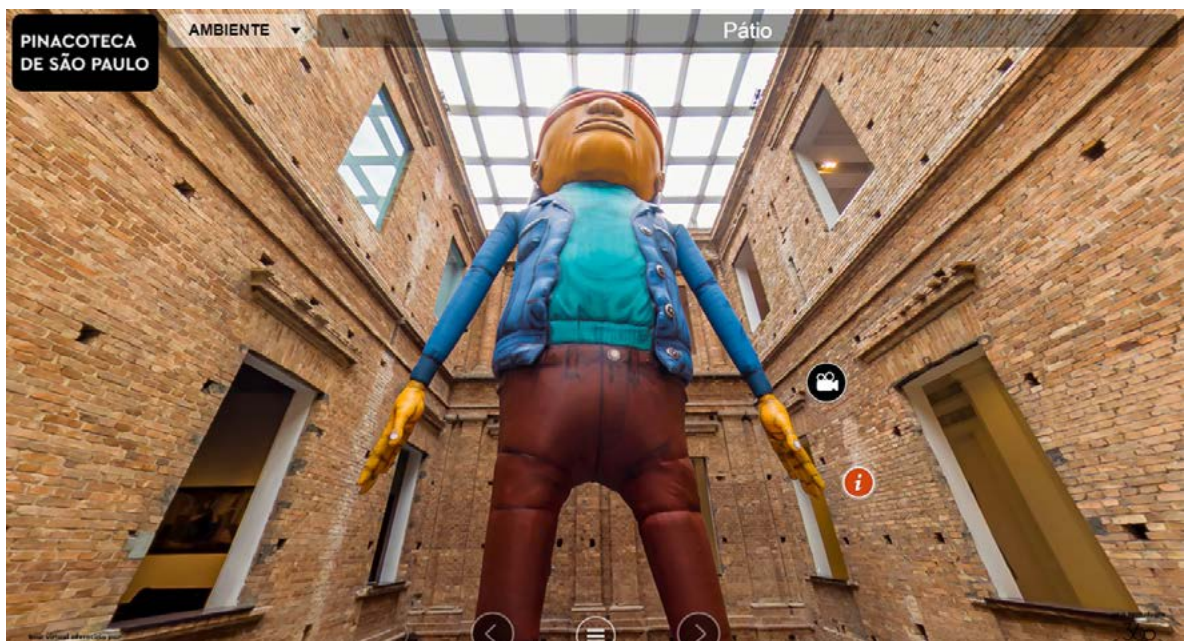
**Jornalista Responsável:** Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: [sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)



# Flanar pela REDE

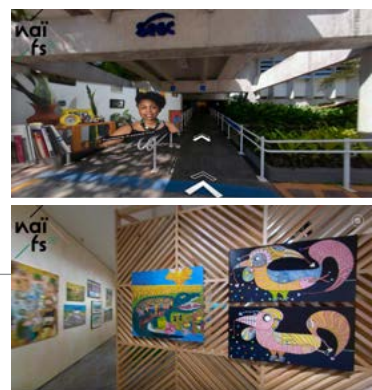
Sabia que é possível fazer um passeio pela cidade de São Paulo com ajuda da internet? Aliás, o famoso termo “flanar”, cujo significado é andar sem rumo e de maneira ociosa, teve que se ajustar à necessidade de isolamento doméstico e restrição social. Na pandemia, o ato de flanar ganha o ambiente virtual e os amantes da prática percorrem parques, museus, teatros e outros espaços adaptados para visitas online. Sem lenço, sem documento, sem ingresso e até mesmo de pijamas, podemos visitar lugares a que ainda não tivemos oportunidade de ir ou a que gostaríamos de voltar. Escolha sua programação e aproveite!



Imagens: Reprodução

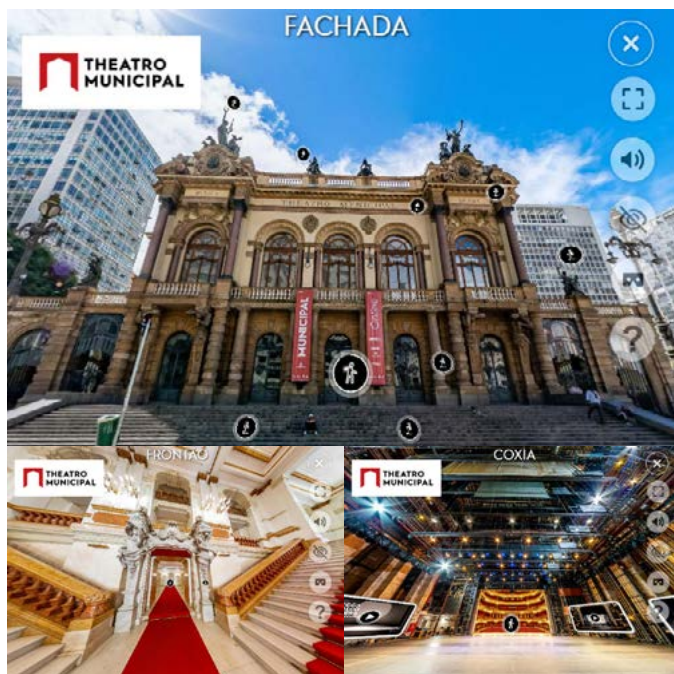
## ARTE DE PERTO

Desta vez, não precisa entrar na fila ou se preocupar com horários para visitar essas exposições. Em cartaz na Pinacoteca de São Paulo, na Praça da Luz, **OSGEMEOS: Segredos** oferece um tour virtual. Nele é possível ver de perto mais de mil criações que compõem o acervo criado pelos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo, dispostas em dez espaços da Pinacoteca: sete salas expositivas, o Octógono, o Hall e o Pátio. Saiba mais: <http://pinacoteca.org.br/tourvirtualosgemeos>. Outro destaque é a visita interativa à **15ª edição da Bienal Naifs, no Sesc Piracicaba**. O passeio começa na fachada do edifício e adentra o espaço expositivo, onde é possível clicar e ver mais detalhes de 250 imagens de obras, entre esculturas, xilogravuras e outros suportes, de mais de 120 artistas de diferentes regiões do país. Aperte o *play* durante o passeio para uma experiência imersiva. Acesse: <https://viva360.com.br/sesc/bienalnaifs/expansiva>.



## DENTRO DO MUNICIPAL

Localizado na praça Ramos, Centro de São Paulo, próximo à estação do metrô Anhangabaú, o Theatro Municipal de São Paulo é um dos mais importantes cartões-postais da cidade e patrimônio cultural. Palco da Semana de Arte Moderna em 1922, neste ano o Municipal completa 110 anos. Ao visitá-lo, repare bem em cada detalhe da arquitetura, esculturas, vitrais e outros elementos apresentados durante o tour virtual. Na opção Visita Livre, você escolhe seu itinerário e passeia pelos ambientes – saguão, varanda, restaurante, sala nobre, cúpula, entre outros – sem seguir uma ordem predeterminada. Conheça: <https://theatromunicipal.org.br/pt-br/tour-virtual>.

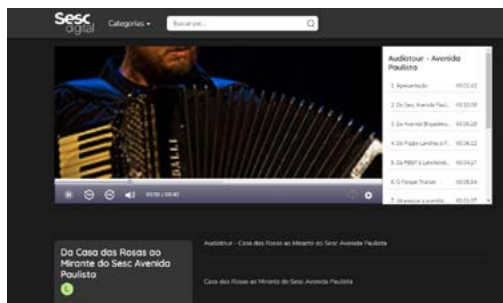


## PELA NATUREZA

Já imaginou fazer uma caminhada por uma reserva da Mata Atlântica na cidade litorânea de Bertioga (SP) sem sair do lugar? Esse é o convite feito pelo Sesc Bertioga, que criou uma expedição virtual pela Trilha Acessível do Sentir. As orientações são simples: mexa o mouse e veja o que tem acima, abaixo, aos lados. Depois, gire quantas vezes quiser, e fique atento aos sons. Dá para escutar o canto dos passarinhos e até o farfalhar das copas das árvores. Basta apertar o play para fazer esse passeio sensorial, que também conta com recursos de acessibilidade. Clique aqui: [www.youtube.com/watch?v=8ukTC3F-B8c](http://www.youtube.com/watch?v=8ukTC3F-B8c).

## AVENIDA PAULISTA

Outra experiência diferenciada é realizar um audiotour e deixar que narrador e outros sons do ambiente se encarreguem de guiar sua imaginação. No passeio sonoro *Da Casa das Rosas ao Mirante do Sesc Avenida Paulista*, disponível na plataforma Sesc Digital do Sesc São Paulo, é possível recriar asfalto, semáforos, carros, árvores, transeuntes, aspectos tão comuns de quem caminha por essa icônica avenida da cidade. Também dá para “puxar conversa” com o dono da banca de jornais em frente ao Parque Trianon, que conta sua história na Paulista, ouvir uma dupla de repentistas ou observar o Vão do Masp (Museu de Arte de São Paulo) e aprender um pouco mais sobre esse projeto criado pela arquiteta Lina Bo Bardi. Experimente: <https://sesc.digital/conteudo/musica/24557/audiotour-avenida-paulista/19055/da-casa-das-rosas-ao-mirante-do-sesc-avenida-paulista>.





# Natureza de aprender junto

Pixabay

São Caetano do Sul, quintal, dia. Fui uma criança que brincou muito. Morei boa parte da infância em uma casa dos anos 1940, que tinha uma grande área com jardins. Entre as casas, a vizinhança era tudo família, bastava pular os muros baixos e mais um quintal se revelava. A terra, as plantas e os animais domésticos eram parte das brincadeiras: encontrar tatuzinhos de jardim embaixo das pedras, conhecer a textura das folhas com papel e giz de cera, cuidar da horta, subir na nespereira.

Passava horas sozinho, mas não tenho lembrança de solidão; meu pequeno grande espaço de natureza era minha companhia. A relação com a natureza também aparecia nas férias, na casa de praia de meus avós maternos, em Caraguatatuba. Como brinquei livre seguindo a trilha de formigas, encontrando girinos nas poças de água – até casa na árvore tinha, e de lá, do alto do flamboyant com suas flores vermelhas e alaranjadas, eu e minha irmã ficávamos esperando as aves pousarem em seus galhos.

Quando ganhei a primeira bicicleta, percorrer a orla da praia, sentindo o vento bater no rosto, trazia uma sensação de liberdade. Não raro, deixava a bicicleta na areia e começava a expedição: conchas, carcaças de peixes, folhas e gravetos trazidos pelas marés. Com 7 ou 8 anos, saía para pescar com meu avô Nê, uma desculpa para fazer trilhas, me equilibrar nas pedras das corredeiras dos rios, para de novo estarmos juntos, eu e ela, a natureza.

Na adolescência, comecei a me encantar pela biologia, o fenômeno da vida me fascinava. Lembro que acompanhei a ECO 92 pela mídia. Lia muito a respeito, e uma matéria que trazia uma página aromatizada com o cheiro das queimadas na Floresta Amazônica mexeu muito comigo, me fazendo pensar o quão distante eu estava da Amazônia. Qual o meu papel no mundo? Foi a questão que começou a se colocar.

Cursei Ciências Biológicas e meu interesse pela Educação Ambiental e pela potencialidade das pessoas na construção de um mundo mais justo passou a povoar

ainda mais meu pensamento. O trabalho no Sesc São Paulo veio após concluir a faculdade e já se vão 22 anos de sensíveis experiências em projetos socioeducativos, dedicados à melhoria da qualidade de vida.

As pessoas e seus territórios foram e ainda são importantes espaços de aprendizagem na minha trajetória. Conheci muita gente engajada em suas comunidades, gente que vive pelo e para o coletivo; o sentido de bem comum rege suas vidas. A percepção de corresponsabilidade e de que a educação pode apresentar novos caminhos para a vida me motivam a cada dia: olho para os indivíduos e os reconheço como profícuos agentes na construção de modos de vida mais justos, éticos e solidários – afinal, é para eles e com eles que os processos educativos ocorrem.

A presença de iniciativas sociais nos territórios revela para mim a sensação de potência e articulação, baseadas na horizontalidade e na valorização dos saberes locais, a partir de pensamentos de existência e coexistência, em uma perspectiva sistêmica e dinâmica.

Convido cada uma e cada um a conhecer seu bairro, sua cidade, pois há sempre oportunidades para trocas. Nesses lugares repletos de símbolos e de afetos é onde as relações humanas se dão.

Estamos diante de um dos maiores desafios da humanidade. Este momento tem nos mostrado que o individualismo não nos fortalece enquanto sociedade; logo, somos chamados a nos reconhecermos habitantes de um mesmo planeta.

Eu me mantenho aberto a novos inícios, celebrando a vida e tendo como horizonte uma reflexão de Paulo Freire: *“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”*. ■

**FABIO LUIZ VASCONCELOS** é graduado em Ciências Biológicas, especialista em Gestão Ambiental e tem formação em facilitação e desenvolvimento de grupos. Atua como gerente adjunto na Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania do Sesc São Paulo.




# PIRIPKURA

Packyî e Tamandua vivem com um facão, um machado cego e uma tocha: um filme sobre as consequências de uma tragédia, que revela força, resiliência e autonomia.

Direção de **Bruno Jorge**,  
**Mariana Oliva** e **Renata Terra**

Estreia **5 de junho, às 22h**

Assista a programação em  
[sesctv.org.br/noar](http://sesctv.org.br/noar)  
ou consulte sua operadora

 /sesctv

Sesc**tv**





